



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (UEG)
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA DE GOIÁS
(ESEFFEGO)
EDUCAÇÃO FÍSICA

LUIS ENRIQUE PEREZ

**SER MULHER, NEGRA, NORDESTINA E PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
um processo crítico/criativo**

GOIÂNIA

2023

LUIS ENRIQUE PEREZ

**SER MULHER, NEGRA, NORDESTINA E PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
um processo crítico/criativo**

Trabalho de Conclusão de Curso para integralização curricular do curso de Licenciatura em Educação Física, pela Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (ESEFFEGO), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), sob a orientação do Professor Dr. Gabriel Carvalho Bungenstab.

GOIÂNIA

2023

LUIS ENRIQUE PEREZ

**SER MULHER, NEGRA, NORDESTINA E PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
um processo crítico/criativo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de licenciado em Educação Física, pela Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (ESEFFEGO), da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Goiânia, 23 de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Dr. Gabriel Carvalho Bungenstab
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Ma. Michelle Ferreira de Oliveira
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Me. Silas Alberto Garcia
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

DEDICATÓRIA

A minha esposa, filha e filho.

Em memória do amigo Geovanni e do tio Pedro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus companheiros Alexandre, Geovana, Netin, Bárbara, Hillier, Livia, Márcio, Muna, Rômulo, Valéria, Weslaine, Carol e Helder, que não concluíram o curso.

Gratidão a minha filha Sophia, que me preparou, marcando o tempo e orientando minha fala.

Gratidão a mis amigas e amigos que acreditaram na minha capacidade de estudar, criticar, discutir, argumentar, contrariar. Também agradeço aos colegas em momentos virtuais. Agradeço aos colegas Luana, Lígia, Jaque, Silsa, as duas Daniela, Danielle, aos dois João, Luenes, Lucas, Brayner, Diego, Paulo, Amanda Sucia, Carlos, Leunice, Lourdes, Mayara, Joy, Luiz Carlos, Carlos, Estefani, aos dois Gabriel, Matheus, Yosef, Renata, Carlos, Ingrid, Índio, Rodrigo.

Agradeço à sociedade goiana.

Agradeço à UEG e à UnU de Inhumas, UnU de Senador Canedo e Câmpus Central de Anápolis.

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsa (PIBID), nos termos do Edital CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) n. 02/2020 e da Portaria CAPES n. 259, de 17 de dezembro de 2019, nos termos da Resolução CsA n. 1.055, de 11 de abril de 2018 com o valor de R\$ 400 pela possibilidade de vivência e experiência na Escola Municipal Pastor Albino Gonçalves Boaventura e na Escola Municipal Maria José Candido de Oliveira e a todas as pedagogas envolvidas no processo ensino/aprendizagem.

Gratidão a cada um dos professores que se atravessaram na minha vida e as lembranças são marcantes. Algumas positivas e outras negativas. Especialmente ao mestre João Henrique. Suanno e ao meu orientador professor Gabriel. Aos professores: André, Anderson, Gleyson, Eliene, Duclos, Lílian, Eliene, Rosirene, Paulo, Nélio, Flávio, Raimundo, Cláudio, Alcio, Paulo, JF, Patrik, Neusa, Leonardo, Wilmont, Michelle e a professora Conceição.

Gratidão aos grupos Laboratório em Pesquisa Genética (LPG) e Cignus, por serem os primeiros em demonstrar acolhimento, e também ao grupo PIBID.

EPÍGRAFE

FILALETO.- Conhecimento transcendente é aquele que, extrapolando toda possibilidade da experiência, se esforça por determinar a essência das coisas tal como elas são em si mesmas; em contrapartida, conhecimento imanente é aquele que mantém no interior dos limites da possibilidade da experiência, mas que por isso também só pode tratar de fenômeno.- Tu, como indivíduo, tens fim com tua morte. Mas ocorre que o indivíduo não é tua essência verdadeira última, mas muito antes uma mera manifestação da mesma: ele não é a coisa em si mesma, mas apenas seu fenômeno, o qual se apresenta na forma do tempo e, por isso, tem início e fim. Em contrapartida, tua essência em si mesma não conhece nem tempo, nem início, nem fim, nem o limite de uma individualidade dada: por isso ela não pode ser excluída de nenhuma individualidade, mas, pelo contrário, está presente em todas e cada um.¹ (SCHOPENHAUER, 2019, p.52-53)

¹ No capítulo intitulado Considerações sobre a Oposição entre Coisa em si e Fenômeno, na conclusão ele intitula Pequeno Divertimento dialógico a título de conclusão. Os ensaios de Schopenhauer são parte do volume de Parerga e Paralipomena (1851).

RESUMO

RESUMO

Este trabalho faz parte da disciplina Trabalho de Curso II, do curso Licenciatura em Educação Física, com a temática racismo, criatividade e ser crítico. Objetiva compreender, a partir da história de vida da professora Maria Zita, aspectos ligados à prática pedagógica no campo da Educação Física. Já os objetivos específicos são: compreender a história de vida da professora Maria Zita; e analisar a produção teórica do campo da Educação Física sobre a história oral. A metodologia enquadra-se no grande campo da História Oral, transitando numa perspectiva fenomenológica com tendência decolonial do fazer decolonial que busca, além de conhecer, reconhecer determinado fenômeno percebendo como ele é vivenciado, procurando assim outro sentido, com uma abordagem qualitativa. Na fundamentação teórica, foi utilizada uma revisão sistemática de literatura mediante quatro instrumentos de levantamento de dados: diálogo com pessoas do campo Educação Física; elaboração de questões com o objetivo de aproximação a partir das experiências vividas por outros; análise de tecnologia em comunicação, com um estudo da bibliografia específica da participante, e ainda uma pesquisa nas plataformas digitais. As considerações finais destacam os possíveis fatores ausentes que podem complementar o estudo da história de vida, as categorias racismo estrutural e o ser crítico e criativo na perspectiva decolonial com rotas de ação traçadas junto com a professora Maria Zita Ferreira e uma entrevista repleta de sentidos, significados, símbolos e códigos. Por fim, as considerações temporais explanam um pensamento reflexivo sobre as ações descolonizadoras.

Palavras-chave: História Oral; Racismo; História de Vida.

RESUMEN

Este trabajo es parte de la disciplina *Trabalho de Curso II*, del curso Licenciatura en Educación Física, con la temática racismo, creatividad y ser crítico. Objetiva comprender, a partir de una historia de vida de la profesora María Zita Ferreira, aspectos ligados a la práctica pedagógica en el campo de la Educación Física. Ya los objetivos específicos son: comprender a historia de vida de la profesora María Zita; y analizar la producción teórica del campo Educación Física sobre a historia oral. La metodología encuadra en el grande campo de la Historia Oral, transitando en una perspectiva fenomenológica con tendencia decolonial del hacer decolonial que busca, más allá del conocer, reconocer determinado fenómeno percibido como él es vivido, buscando así un otro sentido, con un abordaje cualitativo. En la fundamentación teórica, se utilizó una revisión sistemática de literatura; mediante cuatro instrumentos de levantamiento de datos: diálogo con personas del campo Educación Física; elaboración de preguntas con el objetivo de aproximar a partir das experiencias vividas por otros; análisis de la tecnología en comunicación, con un estudio de la bibliografía específica da participante, y todavía una pesquisa en las plataformas digitales. Las consideraciones finales se destacan los posibles factores ausentes que pueden complementar el estudio de la historia de vida, las categorías racismo estructural y el ser crítico y creativo en la perspectiva decolonial con rotas de acción trazadas junto con la profesora María Zita Ferreira y una entrevista repleta de sentidos, significados, símbolos y códigos. Por fin, las consideraciones temporales distribuyen un pensamiento reflexivo sobre las acciones descolonizadoras.

Palabras clave: Historia Oral; Racismo Estrutural; História de Vida

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Esquema programa de investigação.....	14
Quadro 1. Professoras e professoras participantes da pesquisa.....	18
Figura 2. A professora Maria Zita Ferreira.....	21
Figura 3. Fluxo de revisão sistemática.....	27
Figura 4. Sistematização das análises dos textos.....	29

SUMÁRIO

1. PRIMEIROS ACONTECIMENTOS	11
2. INSTRUMENTO TEÓRICO-ANALÍTICO	13
2.1 ESQUEMA DO INSTRUMENTO TEÓRICO-ANALÍTICO	13
2.2 METODOLOGIA DO INSTRUMENTO TEÓRICO-ANALÍTICO	15
2.3 INSTRUMENTOS DAS ROTAS DE AÇÃO	16
3. REVISÃO SISTEMÁTICA COMO REFERENCIAL TEÓRICO DA TÉCNICA HISTÓRIA DE VIDA	27
3.1 INTRODUÇÃO	27
3.2 METODOLOGIA	28
3.3 ANÁLISE DE DADOS	29
4. RELATÓRIO DESCRITIVO DOS ENCONTROS COM A PROFESSORA MARIA ZITA FERREIRA	41
5. RACISMO, CRÍTICO/CRIATIVO E FAZER DECOLONIAL	48
6. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS	56
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE	62

1. PRIMEIROS ACONTECIMENTOS

O presente trabalho de conclusão de curso se deu mediante um questionamento social e cultural que procura compreender, a partir da técnica de investigação da história de vida, processos que possam se dar, também, a nível macro. A temática da história de vida surgiu a partir de um diálogo dentro da sala de aula entre meus companheiros com a mediação do professor da disciplina Seminário de Projeto.

Dessa maneira, na instigação de curiosidade, descobri que a técnica história de vida é um profundo estudo de acontecimentos subjetivos influenciados por uma conjuntura sociocultural. Assim, o pesquisador transita entre várias categorias da vida humana. Segundo Freitas (2006) a história de vida é importante porque nos permite entender o passado, compreender o presente e refletir sobre o futuro. Ela nos permite entender como as pessoas, culturas e sociedades mudam ao longo do tempo e como as experiências passadas moldam nossas vidas.

Além disso, a história de vida nos ajuda a traçar conexões entre eventos e pessoas aparentemente desconectados, construindo uma compreensão mais profunda do mundo ao nosso redor. Ela ainda ajuda a preservar a nossa herança cultural, tornando-nos conscientes da diversidade de perspectivas e experiências dentro de uma sociedade.

Entender a história de vida de outras pessoas também pode nos ajudar a ter empatia e compaixão pelos outros, promovendo a compreensão e tolerância. Nesse sentido, qual a importância, para o campo da Educação Física, de entender a história de vida de uma professora? Acreditamos que compreender a história de vida de uma professora negra e nordestina, que dedicou sua vida à educação física, possa promover novas compreensões sobre os processos de desigualdade e de prática pedagógica mais amplos.

Ao longo de suas práticas pedagógicas, os professores vão acumulando experiências educativas. Como a educação tem um papel fundamental na vida das pessoas, ela é responsável por fornecer conhecimento e habilidades necessárias para lidar com os desafios da vida, permitindo que as pessoas cresçam e evoluam em diversos aspectos, como social, emocional e profissional.

A história de vida de uma pessoa também é um fator importante na formação de sua educação. O ambiente em que vive, as situações que enfrentou e as escolhas que fez moldam a maneira como essa pessoa adquirirá conhecimento e experiência. Além disso, a história de vida de uma pessoa pode influenciar seus valores e ideais e, conseqüentemente, suas escolhas de carreira e objetivos de vida. Por exemplo, uma pessoa que cresceu em uma região rural

pode ter um forte vínculo com questões ambientais e optar por trabalhar em áreas relacionadas à sustentabilidade.

Dito isso, é objetivo deste trabalho compreender, a partir da história de vida da professora Maria Zita, aspectos ligados à prática pedagógica no campo da Educação Física. Para tal, os objetivos específicos são: 1) compreender a história de vida da professora Maria Zita; 2) analisar a produção teórica do campo da Educação Física sobre a história vida.

Atualmente, Maria Zita Ferreira é uma energia que sustenta, junto com outras pessoas, a luta contra o racismo estrutural aplicado às pessoas afrodescendentes e indígenas. A pessoa de Maria Zita Ferreira é reconhecida, junto com outras três professoras, como as pioneiras da pedagogia da dança no estado de Goiás, com destaque nacional, com foco nas ações coletivas fundadas na compreensão cultural da humanidade. Ainda se destacam as atividades na associação de amigos do bairro Itatiaia, bem como a docência numa instituição de ensino superior.

A professora Maria Zita Ferreira nasceu na cidade de Floriano – Piauí, cujos pais, ambos filhos de negros, viram de perto a escravidão. A constituição familiar era com 12 pessoas. A mãe de Maria Zita Ferreira formava a base familiar, já que o pai se ausentava devido ao serviço nos Correios. A infância dela transcorreu em contato com o rio Paranaíba, pois o rio corria no fundo do terreno, originando jogos, brincadeiras e momentos lúdicos em contato com a natureza. A relação com o rio foi de respeito, divertimento e ritos de gratidão. Um outro fator determinante da infância foram as batidas de tambores que vinham do outro lado do rio, gerando choros.

Nos anos 1960, aconteceu uma catástrofe natural com a enchente que transbordou o rio Paranaíba. Com isso, a família Ferreira perdeu tudo e foi para a cidade somente com a roupa do corpo. Já instalada na cidade, aconteceu o contato com as manifestações da arte popular (bumba-meu-boi, a dança dos marujos, as pastorinhas). Após um período na cidade, a família empreendeu viagem para a cidade de Goiânia, lugar onde aconteceu a formação superior da professora.

2. INSTRUMENTO TEÓRICO-ANALÍTICO

2.1 ESQUEMA DO INSTRUMENTO TEÓRICO-ANALÍTICO

O estudo realizado na revisão sistemática deste trabalho converge em sentidos, significados e símbolos instalados na técnica história de vida. São pressupostos teórico-metodológicos com o objetivo de analisar a partir de um relato oral com uma demarcação histórica e fazer uma relação entre o núcleo teórico e a heurística positiva e a heurística negativa.

A pesquisa enquadra-se no grande campo da História Oral, sendo a técnica história de vida o seu núcleo teórico (conforme procuro demonstrar no esquema de Programa de Investigação inspirado em Imre Lakatos).

Com o objetivo pessoal de produzir saberes destacados no campo da Educação Física, procuro demonstrar o núcleo teórico firme, a heurística positiva, a heurística negativa, a história externa e a história interna, o domínio das teorias protetoras do núcleo e a teoria emergente, segundo Lakatos, Worrall e Currie (1983, p. 66):

Pero en lo que estoy pensando fundamentalmente no es en la ciencia como un todo, sino en programas de investigación particulares, como el conocido por «metafísica cartesiana». La metafísica cartesiana, esto es, la teoría mecanicista del universo (según la cual el universo es uno gigantesco mecanismo y un sistema de vórtices, en el que el empuje es la única causa del movimiento), actuaba como un poderoso principio heurístico.²

O programa de investigação a ser elaborado consiste em regras metodológicas que revelam o caminho a ser trilhado (heurística positiva) e regras a serem evitadas (heurística negativa), formando o cinturão protetor ajustado e reajustado, quando preciso, para defender o núcleo firme.

A heurística positiva, fundamentada na elaboração de futuros instrumentos de coleta de dados (apresentados no próximo tópico), soma-se à abordagem qualitativa, à tendência descolonizadora. Assim, o cinturão protetor do núcleo teórico firma-se incorporado pela técnica história de vida.

² Porém, no que estou pensando fundamentalmente não é na ciência como um todo, se não nos programas de investigação particulares, como o conhecido por “metafísica cartesiana”. A metafísica cartesiana, isto é, a teoria mecanicista do universo (segundo a qual o universo é um gigantesco mecanismo e um sistema de vórtices, em que o empurre é a única causa do movimento), atuava como um poderoso princípio heurístico. (Tradução nossa).

Segundo Lakatos, Worrall e Currie (1983), a heurística negativa do programa impede que apliquemos o *modus tollens* ao núcleo firme (característica de todo programa de investigação), mas devemos utilizar nosso intelecto para incorporar e estudar séries de teorias que constituíam o cinturão protetor e contra elas dirigir o *modus tollens*³.

Interpreto que a heurística positiva dialoga com o *modus tollens*, com isso as hipóteses auxiliares conformam o cinturão protetor que pode ser ajustado, reajustado e inclusive totalmente substituído. Considerando que para os autores, o programa de investigação prediz fatos, conforme Lakatos, Worrall e Currie (1983, p. 15) “*lo que realmente importa son las predicciones dramáticas, inesperadas, grandiosas; unas pocas de estas son suficiente para decidir el desenlace*”⁴. Diferenciando os programas de investigação com características de serem pseudociência.

Demonstrarei dois parâmetros, a história interna e a história externa. Segundo Lakatos, Worrall e Currie (1983), a filosofia da ciência sem a história da ciência é vazia; a história da ciência sem a filosofia da ciência é cega. Já a história interna é o modo da reconstrução oferecendo uma explicação racional do crescimento do conhecimento objetivo. Nesse programa, a história interna está incorporada pelo método História Oral.

A história externa, por sua vez, é o complemento da história interna focada nos aspectos sociopsicológicos (soma a ambiência). Nesse programa de investigação, a história externa está incorporada pelo referencial teórico.

Segundo Lakatos, Worrall e Currie (1983), as teorias histográficas internas e externas determinam conjuntamente o problema para o historiador, ou seja, a história externa e a história interna são complementares, uma vez que a história interna se define como a história intelectual e a história externa como a história social.

Figura 1 - Esquema do programa de investigação.

³O *modus tollens* representa um argumento dedutivo, semelhante a um silogismo (constituído por duas premissas que geram uma conclusão). Acompanhando o raciocínio dos autores, os cientistas não abandonam uma teoria simplesmente porque os fatos a contradigam; dessa forma uma simples anomalia contorna uma outra hipóteses, ou seja, se a teoria retrasa com relação aos fatos, se significa que estamos em programas de investigação pobres e regressivos. Vale ressaltar que para Lakatos um programa de investigação recebe críticas importantes que são sempre construtivas.

⁴ “o que realmente importa são as predições dramáticas, inesperadas, grandiosas; umas poucas de estas são suficiente para decidir o desenlace” Tradução nossa.



Fonte: Esquema inspirado em Imre Lakatos.

2.2 METODOLOGIA DO INSTRUMENTO TEÓRICO-ANALÍTICO

A metodologia do programa de investigação consta das seguintes etapas: *locus* investigativo do pesquisador, tendência investigativa, abordagem investigativa, instrumentos de coleta de dados e instrumentos de análises de dados.

Locus investigativo do pesquisador é determinado pelo contexto institucional e ecológico com percepção crítica, assim como o contexto contemporâneo da Educação Física brasileira. Pois bem, o *locus* investigativo é uma universidade pública, com estrutura multicampi. O laboratório de estudo é uma Unidade Universitária (UnU).

Já no contexto ecológico, o *locus* insere-se no bioma Cerrado.

A abordagem qualitativa presente comporta o rigor da investigação. Contudo, diálogos entre Amado (2014), Chárriez Cordero (2012) e Suanno (2020) apontam a prática do rigor científico. Certamente, o método de abordagem qualitativa de investigação conduz a estratégias detalhadas do pesquisador. Segundo Amado (2014, p. 15), “à preocupação anterior acrescentámos uma outra que foi a de deixar bem vincada a ideia de que, sejam quais forem as decisões e opções na elaboração de um plano da investigação qualitativa”. Vale ressaltar que o programa de investigação foi constituído nas redes da abordagem qualitativa. Continuando os escritos de Amado:

A pessoa do investigador, independentemente das estratégias e das técnicas que eleja para o seu plano de investigação, permanecerá sempre em torno do mundo subjetivo do ou dos participantes da sua pesquisa – numa tentativa de entender o significado que eles dão às suas próprias ações, o sentido que dão às suas vidas ou a aspectos circunscritos dela, as interpretações que fazem das situações em que estão ou estiveram envolvidos, etc. (AMADO, 2014, p.15).

Complemento minha abordagem qualitativa com o pensamento de Suanno (2020), que relaciona a atual conjuntura com a obra de arte efetuada pelo artista, uma religação de saberes presentes na abordagem escolhida. É, pois, um saber que todos precisamos de alguém, estabelecendo reflexões retóricas. Atenção no compromisso social e a retração de acontecimentos sociais comportam a abordagem qualitativa.

Enfim, o estudo da abordagem qualitativa conduz a técnicas de interpretar palavras, tono de voz. Segundo Suanno (2020), Amado (2014) e Chárriez Cordero (2012), elas coincidem no ato ético do pesquisador. Além disso, o investigador elabora um diagrama ético de confidências, segredos e assuntos que não seriam comentados em circunstâncias cotidianas.

Tendência investigativa compreendida dentro do significado da predisposição genética, propensão, momento histórico e instinto de pesquisador. Dessa maneira, interpreto tendência como ser aquilo que leva alguém a seguir um determinado caminho ou a agir de certa forma; contudo, compreender a formação da predisposição genética⁵ do pesquisador. Argumento meu conhecimento pela comunicação com a Filosofia da Liberação de América-Latina e o Caribe.

2.3 INSTRUMENTOS DAS ROTAS DE AÇÃO

Os instrumentos significam as rotas de ação, o caminho do sujeito curioso com características, personalidade e temperamento singular. Dessa maneira, estarei explanando o desenvolvimento de quatro instrumentos de coleta de dados.

Primeiro, busco estabelecer um diálogo com pessoas do campo Educação Física; segundo, elaborar umas questões com o objetivo de aproximação a partir das experiências vividas por outros; terceiro, analisar tecnologia em comunicação, com um estudo da bibliografia específica da participante, e ainda uma pesquisa nas plataformas digitais. Enfim, uma síntese das análises.

A minha curiosidade me conduz a diálogos casuais com pessoas aleatórias que tenham algum vínculo com a área da Educação Física ou Dança. Segundo Freitas (2006), a

⁵ Segundo a Dra. Lygia Camara que consegue explanar a importância da Epigenética rumo ao entendimento do ser humano com um olhar biológico. <https://www.vidanatural.org.br/epigenetica-e-predisposicao-genetica/> Acesso: 02/11/2022

curiosidade guia o verdadeiro pesquisador, que procura um jogo criativo de aprender como pensar e olhar cientificamente, estabelecendo conversações com pessoas desconhecidas.

Certamente, diálogos espontâneos proporcionam fluxo de comunicação. Segundo Meihy (2010, p. 181), a dialógica direta merece respeito “pelo reverso, a narrativa espontânea é o que interessa, e, nesse compromisso de aceitação inquestionável, cabe supor que tanto a verdade quanto a mentira, o ilusório ou falso, o exato ou não, tudo, enfim, é matéria do que se quer considerar como produto”. Dessa forma, formulei a pergunta: você conhece a professora Maria Zita Ferreira? Uma única pergunta com o objetivo de analisar a resposta com o critério de selecionar pessoas em contato com a área da Educação Física e/ou Dança.

Com isso, diálogos de cunho simples foram acontecendo na pesquisa. Em um encontro com um colega no evento Jogos Internos do Centro de Ensino em Período Integral Lyceu de Goiânia, no período de setembro de 2022, o colega narrou que foi ex-estudante da instituição Lyceu e formou no curso de Educação Física na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC) e sempre que pode colabora na organização do evento. Logo, perguntei se ele conhecia a professora Maria Zita Ferreira. Nesse instante, ele sorriu e diz que “sim que é uma professora que onde me vê me abraça e abraço ela”.

Num outro momento, encontrei um professor na ponte interna do complexo onde estudamos e indaguei a respeito da professora Maria Zita Ferreira e diz que conhece e admira a professora. Foi um diálogo curto, mas significativo ao reflexionar relações profissionais.

Também uma amiga ficou curiosa a respeito de Maria Zita Ferreira e efetua uma ligação telefônica. Indagou sobre Maria Zita Ferreira e a amiga do outro lado do telefone respondeu que “sim”, que conhece a Maria Zita, que ela é a negra que apresenta danças junto com o coral Núcleo (no qual ambas participam).

Enfim, outra personagem que indaguei sobre a professora Zita respondeu, após um gesto de atenção, que conhece a figura da professora Maria Zita Ferreira como referência na dança goianiense.

O segundo instrumento foi saldar a curiosidade de elaboração de perguntas dirigidas. Dessa maneira, interroguei pessoas relacionadas com a professora Maria Zita Ferreira dentro do campo acadêmico, cujo resultado foi uma tabela com considerações que figura no glossário.

Dessa maneira, seis questões foram enviadas pela ferramenta correio eletrônico, junto com o TCLE, para oito professores, com a hipótese de ter algum tipo de relacionamento com a professora Maria Zita Ferreira. Sendo assim, a estrutura do pensamento desencadeia as perguntas: para quem? Por quê? Essas perguntas buscam refletir critérios de inclusão e

analisar reações e intuição de pesquisador, olhando os objetivos. A partir desse momento, refleti de que maneira poderia conhecer alguém através de perguntas para uma outra pessoa.

Segundo Freitas (2006), o pesquisador considera fontes primárias e secundárias apoiado em fichas bibliográficas e cronologia. Colabora para o bom desenvolvimento da pesquisa também considerar a capacidade do pesquisador em estudar os assuntos abordados.

Acompanhando os escritos de Amado (2014, p. 176), planejar, interrogar vários informantes “no domínio prático da metodologia, a opção a tomar define-se entre, por um lado, interrogar vários informantes (um grupo de pessoas com determinada particularidade, uma família, etc.)”, com a interpretação de interrogar oito pessoas em diferentes campos acadêmicos com foco na Dança e na Educação Física.

Vale ressaltar o resgate da memória quando forem solicitadas as interrogações. Segundo Freitas (2006, p. 85), “a relação de nomes nunca é definitiva, pois, muitas vezes, um depoente leva-nos a descoberta de outros; algumas vezes, a pessoa eleita pode declinar do nosso convite”. Desse modo, pensando além de um primeiro contato, surge a pergunta: você orientaria uma outra pessoa que pudesse falar mais da pesquisa?

Um critério de inclusão parte do rigor qualitativo e não com o quantitativo. Sendo assim, selecionei, no âmbito acadêmico, oito pessoas que em algum momento tiveram contato com a professora pesquisada. Dessa forma, o roteiro de perguntas, de caráter temático, não se restringe à trajetória de vida do nosso participante principal.

A pergunta um tem o objetivo de recordar o primeiro contato agregando o exercício de retomar a memória, provocando uma (re)ligação com o colega, na categoria trabalho (ou não), já que os entrevistados interagem no campo acadêmico.

Esta primeira pergunta foi dirigida com a finalidade de incentivar processos de (re)ligação da memória coletiva, destacar o lugar e o contexto da resposta. Então, a pergunta é: “Onde e de que maneira foi o seu primeiro contato com a professora Maria Zita Ferreira?”

A pergunta dois transita nas manifestações políticas. Segundo Dallari (1984), a política existe desde o entendimento da vida dos seres humanos integrados e organizados numa sociedade, onde são tomadas decisões sobre os assuntos de interesse comum. Parto da hipótese de que a professora Maria Zita Ferreira tenha participado de algum movimento social: “a professora Maria Zita Ferreira incentivou sua reflexão a respeito de movimentos sociais de protesto e reivindicação? Se a resposta for afirmativa, como aconteceu esse processo?”

As perguntas três e quatro, a seguir, tinham como objetivo analisar as práticas pedagógicas praticadas pela professora Maria Zita Ferreira:

3. Ao conhecer o trabalho acadêmico da professora Maria Zita Ferreira, você percebeu alguma tendência e/ou abordagem pedagógica? Se a resposta for sim, por favor, especifique.

4. Segundo Freitas (2006), a História Oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história; com efeito, a investigação pode derrubar barreiras que existam entre profissionais, estudantes e comunidade. Portanto, ao conhecer um pouco mais a história de Maria Zita Ferreira, quais motivos levaram sua atenção ao refletir a respeito da professora?

A pergunta cinco possui caráter intuitivo com o objetivo de analisar a resposta e estabelecer um comparativo da resposta com a professora Maria Zita Ferreira:

5. Esta investigação transcorre na área da Educação Física. Nesta pergunta, gostaria de saber da Sra. o que significa a Educação Física?

Por último, uma pergunta intuitiva com o objetivo de analisar as possibilidades de ampliação da pesquisa.

6. A última pergunta é mais uma colaboração no andar da senda entre sinais e encontro de pessoas que possam colaborar com este trabalho acadêmico. A Sra. orientaria uma outra pessoa que pudesse falar mais da professora Maria Zita Ferreira? Por favor, indique o contato.

No quadro abaixo, aparecem os nomes de professoras e professores que participaram da entrevista:

Quadro 1- Professoras e professoras participantes da pesquisa

Nome	Critério de inclusão	Devolutiva
Marlini Dorneles de Lima	Coordenadora do grupo <i>Diversus</i> (dança contemporânea). Professora FEFD-UFG.	Sim
Luciene Ramos Silva	Professora na Unicamp. Trabalha o corpo em diáspora. Realizaram trabalhos artísticos com a professora Maria Zita Ferreira.	Sim
Tadeu João Ribeiro Baptista	Autor da tese <i>Educação do Corpo: Produção e Reprodução</i> , defendida no ano de 2007, na qual aparece o nome da professora Maria Zita Ferreira nos agradecimentos.	Sim
Paulo Roberto Veloso Ventura	Por ser contemporâneo da professora Maria Zita Ferreira e compartilhar espaço de trabalho nas Instituições de Ensino Superior.	Sim
Rosirene Campelo dos Santos	Porque, numa ocasião, perguntei-lhe se conhecia a professora Maria Zita Ferreira e ela respondeu que sim, que conhece e até tem um livro de autoria da professora.	Sim
Conceição Viana de Fátima	Porque estudaram juntas e ambas são referências da Dança no estado de Goiás.	Sim
Janira Sodr�e Miranda	Por estar junto à professora Maria Zita Ferreira no documentário <i>Dia da Consciência Negra</i> (2022).	Não
Jonas Batista Araújo Silva	Por participar, junto com a professora Maria Zita Ferreira, do documentário <i>Dia da Consciência Negra</i>	Não

Fonte: Elabora o do pr prio autor.

Al m da entrevista com colegas, ainda foi realizada uma pesquisa sobre as publica es da professora Zita, bem como algum dado que, possivelmente, pudesse existir sobre ela na internet.

Assim, um outro instrumento de investiga o foi elaborado a partir da tecnologia da comunica o, fundamentado na metodologia estudada em Fragoso, Recuero e Amaral (2011). Como a rota de a o foca na comunica o das redes sociais, a plataforma *Instagram* e o perfil da professora Maria Zita Ferreira n o saciaram minha curiosidade, a mesma situa o aconteceu na plataforma *Facebook*. J  na plataforma *YouTube* foi diferente.

Nas rotas de a o tra adas pelo pesquisador est  a t tica de investigar publica es nos meios de comunica o digital em massa, as denominadas redes sociais. Procurando, percebo a

fonte considerada não confiável, sem ser um documento oficial. No entanto, segundo Freitas (2006), as fontes da história não são somente os documentos oficiais e a maioria dos cientistas sociais ainda vê a fotografia, a caricatura, a carta, o diário, assim como o depoimento oral, como fontes subsidiárias, possuidoras de baixo valor histórico. Segundo Freitas (2006, p. 44-45):

[...] as atuais correntes da historiografia têm ressaltado a necessidade de uma reavaliação dos critérios pelos quais se determina a utilização e análise de fontes históricas, pois, na produção do conhecimento, fatores como a subjetividade e a seletividade são inevitáveis.

Dito isso, o material investigado nas redes de comunicação em massa, principalmente a plataforma *YouTube*, forneceu três fontes de investigação na presente pesquisa.

Primeiro, recuperei um manifesto realizado pelo canal de televisão “Mais Goiás”, publicado no Dia da Consciência Negra. Nessa publicação, de menos de vinte minutos, a professora Maria Zita Ferreira divide as falas com pessoas que são referências na luta de pessoas negras com a causa de melhores oportunidades no futuro, refletindo sobre as condições da realidade da vida deles; o foco do vídeo é motivar as pessoas e mostrar que elas podem chegar aonde quiserem, lutar por uma sociedade harmoniosa e respeitada e contrapor à forma de violência velada contra os negros. Pontua-se a vulnerabilidade social com uma expectativa social negativa. A publicação acrescenta a reflexão dos passos cotidianos e atos de racismo estrutural, enfatizando-se a qualificação para o cruel mercado de trabalho e o racismo estrutural vertente de perversidade. Ao abordar os estudos nas instituições de ensino superior, pondera-se entra-permanecer-sair com bons resultados, garantindo estudos noturnos de qualidade e garantindo a permanência.

Já na segunda publicação, realizada em dezembro de 2022, o vídeo de reconhecimento por parte do Estado goianiense ao outorgar o Título de Cidadã Goianiense. As causas que levaram a professora Maria Zita Ferreira até a Câmara de Vereadores foram: organizar e constituir o movimento negro; por sua atitude política de luta e movimento sempre com esperança e respeito à raça; por suas empreitadas à frente da associação de moradores do conjunto Itatiaia.

Segundo as oratórias apresentadas, distinguem-se ações por ser uma mulher combativa e guerreira que luta pela liberdade, uma luta de fogo, ferro e sangue. Um outro motivo identificado foi ocupar espaços na educação, principalmente em instituições de ensino superior, e inspirar sucessivas gerações a ocupar espaços na política, na justiça, na economia. Um orador, professor em atividade, improvisou uma poesia com o nome completo da

professora Maria, Maria que representa todas as Marias refletindo a vida. Zita, Zita que dança, alegria em cada composição corpórea receptível e Ferreira, Ferreira uma intelectual que conquistou este momento histórico. No depoimento, a professora Maria Zita Ferreira explanou a respeito da dignidade humana, do uso de roupas, de vestimentas, de uma casa que não tinha paredes, mas sim carinho, amor e solidariedade.

Na fala da professora, ela fez o apelo às mulheres que podem, sim, cuidar de seus filhos, trabalhar, estudar, percorrer todas as trilhas em prol da unidade, coletividade, da busca de bem-estar para todos e respeitar a democracia. A professora enfatiza a oportunidade de estudo que permite consolidar a identidade negra, harmonizando mente-corpo-espírito, tudo integrado num corpo filosófico, acadêmico, pedagógico. É, pois, conhecimento estruturado pela ciência, um corpo que é vida, corpo integral, espiritual e intelectual, fortificando o conhecimento astral. Ela ressalta as ações comunitárias e dignidade que o vereador respeita a dignidade do nosso povo de etnia com cuidado de nossa ancestralidade. A professora prega um mundo de paz sem racismo, sem segregações, sem exclusões.

Figura 2 - A professora Maria Zita Ferreira exibindo o diploma outorgado pela Câmara de Vereadores da cidade de Goiânia



Fonte: tvcamaragyn

Na terceira publicação, na plataforma *YouTube* do mês de abril de 2022, o canal Pensar Africamente organizou uma homenagem em vida, vida em forma de poesia, à pessoa da professora Maria Zita Ferreira com o título *Dança Zita, Ginga a História*. A transmissão conta com a participação de cinco pessoas que estudam as mais variadas relações sociais como: estudos de raça, mulher, participação de ativistas do movimento negro, movimento sindical, rede goiana de mulheres negras, movimento negro unificado, antropologia social, relação étnico-racial, de gênero e de sexualidade, coreografia.

O acontecimento, segundo a mediadora, ressalta a inspiração a partir da professora Maria Zita Ferreira, a qual vem ocupando espaços acadêmicos, engajamento com a educação com projetos de extensão e oficinas em busca da terciarização negra na periferia e que, no ano de 1976, coordenou o primeiro espetáculo de temática negra potencializando a irmandade das mulheres negras e a força coletiva da mulher que dança (especificidade que só as mulheres negras sabem reconhecer). Abriu a performance de ação corpórea da mulher negra, matriarca da dança, com ênfase na força do corpo cerrado, desfrutando o que a terra nos proporciona e entendendo que vivo na minha mente e no meu corpo; a professora luta com o slogan “o amor cura”. O depoimento de Daya Gomes incorpora a inspiração desde a primeira vez que viu a professora Maria Zita Ferreira. Falar de Zita é falar de mim, diz Daya. Foi a primeira mulher preta que vi dançar. Daya narra a história de inspiração desde a primeira vez que teve contato com a professora. Hoje, a Daya é mestra em Performances Culturais.

Na fala da professora Maria Zita Ferreira, ela destaca a construção da história no dia a dia que constrói a essência humana e a responsabilidade da construção da paz, trabalhando em prol da humanidade, levando e elevando a história negra ancestral. Cada passo é uma semente plantada no planeta, respeitando a ancestralidade e origem do povo negro e a responsabilidade com signos e códigos inseridos na alma contra um sistema social capitalista tirano.

Ao abordar o tema corpo, a professora explana um corpo de poder de libertação. Recorda que a primeira casa em Goiânia foi debaixo de uma árvore, constituindo as raízes de liberdade, constituindo uma história como alimento, substância da nossa vida. A professora reconhece a fala como conexão entre pessoas de luta pela existência material-espiritual fortalecida pelo conhecimento científico das pessoas que estudam e produzem conhecimento científico e elevam nosso poder a partir de dentro da universidade. A construção histórica contribui com a construção do ser humano completo, corpo físico, corpo espiritual, corpo psicológico, corpo racional, corpo presente, sem fragmentação. Também enfatiza o mundo negro na sua plenitude, totalidade junto com os povos originários, destacando os movimentos sociais em busca da cidadania, movimento humano junto à vida negra, vida indígena e a natureza como elo de ligação.

Outro caminho metodológico foi analisar a bibliografia da professora. Existem um livro e um capítulo de livro de autoria da professora Maria Zita Ferreira. A partir do estudo bibliográfico, reflexiono nos tópicos e conceitos da relação entre história de vida e Educação Física que darão andamento ao fazer decolonial. Busca-se transgredir junto às palavras de Ferreira (2000, p. 56), procurando sendas que dignifiquem o ser humano, o respeito à própria vida e amor à natureza, o cuidado com a família e o zelo à sociedade “[...] em prol da

elevação humana e visando a coletividade, a união, o amor e a paz ao mundo”. Resulta num diagrama curioso entre racismo, lazer e dignidade, dança e docência, criatividade, movimento social e prática pedagógica teoria/prática. Continuam-se as análises bibliográficas.

Já no livro *Dança Negro, Ginga a História*, a autora inicia com uma crítica ao programa de extensão da UFG, em que, na procura de outros caminhos educacionais conscientizadores, os profissionais, embora baseados em teorias marxistas, estavam a fim de experimentar essas práticas acompanhados da comunidade, sob auspícios da extensão universitária.

O trabalho de extensão passou pela condição do professor dono da verdade, ignorando as condições de vida da população receptora. Segundo a professora Maria Zita Ferreira (2000, p. 2), “o compromisso político, que implica numa visão real do concreto, não era percebido pela maioria de estudantes universitários-professores, os quais apresentavam-se como donos do saber para as comunidades”. A partir dessa autoavaliação, foram-se organizando ideias de criatividade e participação comunitária com a finalidade de construção de uma visão crítica de sociedade. A partir da transformação da Educação Física nos anos de 1990, percebe-se uma Educação Física relacionada diretamente com a linguagem corporal, com as emoções, com a criatividade, com a intuição e com a inteligência. Dessa maneira, a construção do indivíduo e de sua identidade passa pelos movimentos sociais, movimentos pessoais e com o movimento da natureza, enfatizando as três dimensões: subjetiva, social e ecológica.

Na dimensão social, a autora questiona qual é o sentido político da nossa sociedade e como ela se estrutura? Por que, nesta sociedade, uns pensam e outros fazem? O que é família, comunidade e cultura?

A autora narra as reflexões na intervenção escolar junto com os processos da Educação Física escolar. Delineia um perfil de quebra de barreiras psicológicas e sociais que dificultam o processo ensino-aprendizagem, interligando “diretamente ao trabalho de sala de aula, estabelecendo uma íntima relação professor/aluno, aluno/professor e professores de atividade pedagógica com os professores da área de Educação Física” (FERREIRA, 2000, p. 33). Com este panorama, as estratégias configuram a construção de um projeto político mais amplo de uma escola que trate dos problemas da população negra, das classes subalternas e dos excluídos.

Contudo, segundo Maria Zita Ferreira, o espaço da Educação Física na Faculdade de Educação sofria com a ilegitimidade da estrutura acadêmica, uma disciplina sem espaço físico, sem material básico necessário para planejar didaticamente uma intervenção no campo escolar. Segundo a autora, com o movimento de reivindicação por espaço e por melhores

condições de trabalho, foram surgindo outras questões como: respeito à ação do professor de Educação Física no sentido mais amplo: o educativo; articulação da área de Educação Física na elaboração do currículo, no sentido de socializar os conhecimentos dessa área. As intervenções a nível corporal careciam de “valor” nos cursos de Pedagogia.

Dessa maneira, o livro *Ginga Negro, Ginga a História* proporciona ao pesquisador o andamento e, segundo Ferreira (2000, p. 27), “o compromisso político, que implica uma visão real do concreto, [que] não era percebido pela maioria dos estudantes universitários-professores, os quais apresentavam-se como donos do saber para as comunidades”. Com isso, a professora Maria Zita Ferreira chama a atenção para as tendências conservadoras dentro das práticas educacionais.

Interpreto, em Amado (2014), Freitas (2006) e Goldenberg (2004), o fluxo de uma investigação diferente, tomando distância de ideias simplificadas, ideias feitas e repetidas, bem como refletindo a respeito das pessoas negras, pessoas nativas, pessoas órfãs, pessoas oprimidas inseridas num racismo estrutural. Segundo Almeida (2021, p. 21), “o racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea”. É, pois, uma sociedade contemporânea configurada no racismo e ideologia, racismo e política; racismo e direito; racismo e economia e, finalmente, o recorte deste tópico, racismo e educação.

Já no capítulo do livro “Ser Negra, Ser Mulher, Ser Nordestina. Afinal, Como me fiz Professora?”, a autora retrata a consolidação de uma história de vida, um núcleo familiar constituído por 12 pessoas. Envoltas na dimensão ecológica de, segundo Ferreira (2000, p. 45), “morar à beira de um rio era misteriosa, hoje percebo que o rio era um meio de garantir a nossa existência, pois era o meio de comunicação muito grande e diversificado”. A professora narra com muito entusiasmo os jogos e brincadeiras que aconteciam na beira do rio, a contemplação das águas em constante movimento e com forças místicas vindas das águas, mergulhando na imaginação e desenvolvendo a percepção. Somam-se as batidas de tambores que vinham do outro lado do rio. Essa relação entre território e sagrado proporcionou a entrada na cultura afro-brasileira, a ancestralidade que afirma a identidade racial e histórica. Segundo Ferreira (2000, p. 48), “começava a consciência de ser negra e parte desta história”. Certamente, a organização corporal, o ritmo, a coordenação, a resistência física, a agilidade, a flexibilidade, o figurino, a vestimenta, os acessórios estavam presentes nessa construção cultural da professora.

Um marco histórico foi a calamidade pública quando o rio Paranaíba transbordou e inundou toda a cidade. A professora narra que todos saíram a nado do lugar e levaram

simplesmente a roupa do corpo. Nesse período, acontece a mudança da área rural para a área urbana, o que possibilitou o acesso ao 2º grau, à igreja católica, a outros ambientes e outros professores, proporcionando contato com manifestações folclóricas e fortificando o seu sentido da vida. Esse foi fortificado pelo controle radical da figura materna que punia com castigos e surras.

Por outro lado, a figura materna proporcionou contato com a arte na elaboração de vestimentas. Mais tarde, a professora percebeu a arte da cultura corporal, fazendo acrobacias, dançando forró e cantando. Já no amadurecimento, o domínio interior distanciou os vícios sociais. A professora destaca “o processo criativo, o alimento do querer ir além, desafiando as barreiras sociais e psíquicas; é uma forma de se desgarrar das amarras interiores e ir além do possível” (Ibidem, p. 52). O contexto dos acontecimentos narrados pela professora acontece antes de empreender a travessia de atravessar uma região viajando a pé oito dias para chegar ao destino Goiânia. Segundo a autora, “as armas mais poderosas para minha entrada nesta sociedade, com autonomia e expressão, foram: a nossa estrutura familiar, o gosto pela organização corporal e a luta pela afirmação do caminho – o estudo.” (Ibidem, p. 53).

A figura paterna retrata uma figura muito ciumenta, de solidão, enfrentando o desconhecido longe da mulher e dos filhos inserido no trabalho dos Correios e Telégrafos. Um homem de poucas palavras, que já na velhice, a autora relata, foram muitas as dores, mas estavam juntos. No transcorrer das situações de vida, decide largar tudo, abandonar a figura presente de pai, de marido e retornar para o Piauí. Vale ressaltar que os pais da professora afirmavam a cidadania pelos estudos.

Sobre a figura materna, essa foi descrita pela professora Maria Zita Ferreira como uma pessoa suprema. Um conselho que a autora compartilha é o conceito de corpo, “[...] que o corpo da gente era sagrado e que não podíamos viver de qualquer maneira” (Ibidem, p. 45). Vale ressaltar o contexto da palavra sagrado. Sagrado fundamentado na religião Candomblé, um sagrado contrário ao “texto sagrado” ou “revelado”. Um contexto religioso que, segundo Parizi (2020, p. 23), “através da experiência do sagrado, o homem adquire noções do que seja realidade, verdade e significação”. Continuando nesse contexto, vale ressaltar o mito que narra o protagonismo da mulher. Segundo Prandi (*apud* PARIZI, 2020, p. 31),

No começo do mundo, eram as mulheres que mandavam na Terra e eram elas que dominavam os homens. [...] As mulheres tinham o poder e o segredo. Iansã tinha inventado o mistério da sociedade dos egunguns [...] e os homens estavam sempre submissos ao poder feminino. [...] Finalmente, um dia, os homens resolveram acabar com aquela humilhação de estarem sempre submissos ao poder de suas mulheres. [...] Quando as mulheres

chegaram e viram aquele homem forte vestido como um poderoso e armado até os dentes, exibindo aos quatro ventos seu porte de guerreiro, elas saíram a correr [...] num pânico incontrolável. A vista do homem assumindo o poder era terrificante.

Este exercício de refletir a respeito de religiões segregadas ou minorias me conduz a analisar a história de vida de uma mulher negra, nordestina e professora de Educação Física e Dança.

Em conclusão, o andamento da análise de revisão sistemática, bem como as análises da tecnologia em comunicação das redes sociais, soma-se a análises bibliográficas. Os três instrumentos de coleta proporcionam diferentes rotas de ação. A partir do exposto, reflito a respeito de categorias como: racismo, lazer e dignidade, dança e docência, criatividade, movimento social e prática pedagógica teoria/prática.

3. REVISÃO SISTEMÁTICA COMO REFERENCIAL TEÓRICO DA TÉCNICA HISTÓRIA DE VIDA

3.1 INTRODUÇÃO

Este tópico apresenta, a partir da revisão sistemática, a produção teórica do campo história oral. Ainda está presente a metodologia utilizada contendo as plataformas de pesquisa, palavras-chave, análises dos artigos selecionados e, por último, as considerações finais destacando possíveis temas abordados. Dessa maneira, dialogar com a produção de conhecimento nas plataformas digitais brasileiras significa, segundo Santos, Pimenta e Nobre (2007, p. 4):

Ter acesso ao conhecimento produzido sobre determinado assunto é fundamental para o desenvolvimento de boas pesquisas [...] os portais de periódico de acesso livre permitem acessibilidade ao conhecimento, mas isso não basta, pois é preciso saber o que selecionar dessa imensidão de informações e como fazê-lo.

Contudo, uma revisão sistemática relacionada com as ciências sociais resulta ser um desafio interdisciplinar, afirma Hallal e Melo (2017, p. 324), favorecido pela “convivência entre duas naturezas distintas de produção de conhecimento, uma advinda das ciências médicas, outra das ciências humanas e sociais”. Isso porque, por muito tempo, a produção científica passou por divergências epistêmicas colocando distanciamentos na produção de conhecimento.

Nesse sentido, a pergunta norteadora: quais são as professoras e os professores de Educação Física que conseguiram dignificação no universo acadêmico brasileiro através do

estudo História de Vida? Este estudo apresenta a revisão sistemática de literatura buscando a implementação da técnica História de Vida em publicações científicas brasileiras. Segundo Bungenstab (2022, p. 4), “[...] a revisão sistemática de literatura é uma etapa fundamental em toda e qualquer pesquisa, já que possibilita reflexões sobre os limites, os problemas e as abordagens do conhecimento a ser pesquisado [...]”. Desse modo, os estudos revisados contribuem para a estrutura de conhecimento na elaboração do TCC no formato monografia.

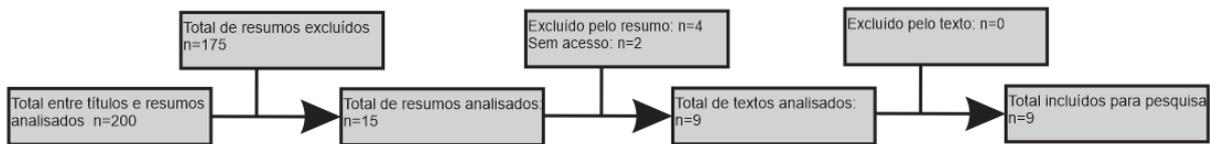
Segundo Gomes e Caminha (2014), deve-se ter o cuidado de estabelecer critério de seleção bem definido, identificar e (re)construir redes de pensamento e conceitos com novas diretrizes para a atuação profissional com a finalidade de construir estudos originais. Assim, é importante acompanhar a produção de conhecimento de um período específico.

3.2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão sistemática de literatura, efetuado no período de agosto/setembro de 2022, com o seguinte critério de inclusão: população participante independentemente do número de participantes; constituído por professores e professoras de Educação Física; os trabalhos selecionados para leitura completa deverão conter o contexto sociocultural e utilização da técnica correspondente à história de vida ou relato oral ou bibliografia ou autobibliográfica ou ciclo de vida; pesquisa de artigos científicos sem limite de tempo de publicação. As plataformas pesquisadas foram: Conexões, Corpoconsciência, Movimento, Motriz, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho humano, Revista da Educação Física, Revista de Educação Física, Revista Mineira de Educação Física e Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Motrivivência e Pensar a Prática, Periódico Capes.

Mediante as estratégias utilizadas na busca de descritores de busca como ser professor *and* educação física *and* história de vida *or* relato oral representados no fluxo de revisão sistemática (Figura 1) $n=200$, dos quais 175 artigos foram excluídos a partir da leitura do título e das palavras-chave, vale ressaltar que foi utilizada uma folha descritiva para cada texto selecionado $n=15$. Logo, nas análises de conteúdo, foram colocados os tópicos de título, ano, autores, método, metodologia, objetivo, pessoas participantes, texto em português, publicado no Brasil, palavras-chave, acessibilidade completa, revista publicada, o que totalizou $n=9$ para análises completas dos textos.

Figura 3- Fluxo de revisão sistemática, as estratégias de inclusão e exclusão utilizadas, considerando textos sem acesso



Fonte: Elaboração do próprio autor.

Dessa maneira, conforme Souza *et al.* (2016, p. 106), “buscamos na história elementos que nos auxiliam a compreender as relações e trato [...] com a educação física escolar possibilitando abertura de caminhos e olhares que nos levem a entender os sentidos da escola no decorrer dos tempos”. Também, pensar fora do âmbito escolar a pesquisa de trajetórias de vida possibilita uma aproximação com o comportamento social e individual.

3.3 ANÁLISE DE DADOS

A continuação se realizou com as análises e o movimento organizacional dos textos selecionados apresentando uma síntese de dados. Dessa maneira, ao efetuar a leitura dos artigos, identifiquei a metodologia, objetivos, pessoas participantes e referências utilizadas na fundamentação teórica de cada artigo selecionado. Os dados apresentados não serão agrupados considerando a particularidade de cada texto. Mas, nas ponderações finais, apresento várias reflexões a respeito da utilização da técnica História de Vida.

Certamente, toda narrativa obtida resulta um real valor a ser analisado. Sendo assim, a história oral constitui-se num recurso de conhecimento com noções diferentes entre realidade e vivência; verdade e experiência.

Na continuação, a figura 4 identificativa é finalizada a partir das fichas cadastrais dos nove artigos selecionados. Em destaque, a coluna de participantes (com o número máximo de dez participantes). Os métodos são de caso múltiplo, biográficos, (auto)biografia e método exploratório. A coluna ano de publicações expressa o ápice no ano de 2016 com três publicações. A revista que mais publica sobre a técnica história de vida é a revista *Movimento* (revista de Educação Física).

Na figura 4, estarei apresentando os textos ordenados por título, autor, método, metodologia e participantes. Destaca-se que a técnica história de vida tem poucos participantes, visto que a técnica não se preocupa com a procura da verdade nem com a generalização de comportamentos e sim com o que a pessoa tem a contar. Dessa maneira, as narrativas dos professores contêm uma série de estigmas. Segundo Meihy (2006), a relação entre memória individual e memória coletiva justifica narrativas baseadas em mitos,

ensinamentos ancestrais, uma visão de mundo baseada em estruturas mentais com as memórias marcantes, sem considerar uma ordem dos fatos.

Figura 4 - Sistematização das análises dos textos criteriosamente selecionados e os dados obtidos da folha descritiva

Título	Autor	Método	Metodologia	Participante	Ano	Revista
HISTÓRIA DE VIDA: representações da aprendizagem profissional de professores de esportes para jovens	Barros, Emanuelli Thais Silva da Brasil, Vinicius Zeilmann, Ramos, Valmor	Estudo de caso múltiplo	Entrevista estruturada	4	2013	Conexões Educação Física, Esporte e Saúde
VIDA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: o pessoal e o profissional no exercício da docência	Santos, Núbia Zorzanelli dos Almeida, Felipe Quintão Bracht, Valter	Biografia	Narrativas dos professores	3	2009	Movimento Revista de Educação Física
MUDANÇAS SOCIAIS E O TRABALHO DOCENTE DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: estudo a partir de histórias de vida	Wittizorecki, Elisandro Schultz Molina Neto, Vicente Bossle, Fabiano	História de vida	Diário de campo, análises de documentos e entrevistas semi-estruturadas	6	2012	Movimento Revista de Educação Física
DAR VOZ AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: as histórias de vida sobre os momentos significativos em relação às fases da carreira docente	Krug, Hugo Norberto Krug, Rodrigo de Rosso Santos, Conceição Victor Julierme da	História de vida	(auto) biografia, narrativa oral	10	2013	Interfaces da Educação
CARREIRA DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: história de vida de uma professora emérita	Da Silva, Luana Jaqueline Folle, Alexandra Farias, Gelcemar Oliveira Da Rosa, Alzira Isabel	História de vida	Entrevista semiestruturada	1	2018	Movimento Revista de Educação Física
HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: reflexões sobre as trajetórias formativas	Antunes, Fabiana Ritter Bolsoni, Julia Krug, Hugo Norberto	(auto)biografia	Relatos escritos, narrativa de vida	2	2013	Revista Contemporânea de Educação
A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA EM VIDA: a participação do professor Germano Bayer na história da educação física paranaense	Ordonhes, Mayara Torres Gianatti, Bianca Gutierrez Pereira, Bruna Opieco Silva, Camila Gomes Capraro, André Mendes	História oral	Levantamento de documentos, entrevistas semi-estruturada	1	2016	Motivivência
GREGÓRIO BEZERRA: professor de educação física, revolucionário, comunista e torturado nas duas ditaduras do Brasil	Frizzo, Giovanni Felipe Ernst	Pesquisa exploratória	Relato de vida, análises documentais	1	2016	CBCE Revista Brasileira de Ciência
HISTÓRIA DE VIDA DE ERASMO PILOTTO: papel do educador no contexto da educação física no estado do Paraná-Brasil	Fátima, Vânia de Souza, Matias de Cassiano, Bruna Garcia Luiza, Ana Anversa, Barbosa Solera, Bruna	Pesquisa bibliográfica	Pesquisa anteriores, documentos, livros, artigos	1	2016	Corpoconsciência

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Barros *et al.* (2013) apresentam o limite do esporte fora do contexto escolar, os critérios de inclusão com fundamentos no treinamento do esporte e tempo de atuação como

treinador, bem como o reconhecimento profissional por pares. Apresentam o objetivo de descrever e interpretar os diálogos de quatro professores de Educação Física no processo de formação, destacando a trajetória pessoal e o vínculo espaço/tempo na carreira universitária. A pesquisa se encaixa nos estudos qualitativos com experiências humanas, identificando a relação das práticas esportivas e pessoais na aquisição de conhecimento.

Na metodologia, utilizam-se roteiros de entrevistas estruturada e semiestruturada com foco na experiência de prática pessoal e prática profissional de quatro professores participantes da investigação. Dessa forma, as perguntas abordam a descrição da carreira esportiva e a aprendizagem segundo parâmetros de Nelson, Cushion e Potrac (2006) - formal, não formal e informal. Abordam o ensino formal estruturado nas instituições de ensino superior a longo prazo, a não formal (experiências com internet), cursos de árbitro, mentorias, oferecidos por delegações esportivas, também o ensinamento informal a partir da aprendizagem pelo compartilhamento de informações por outros profissionais e aprendizagem por observação no processo.

Nas análises de dados, a técnica identificada é o estudo de casos múltiplos com categorias determinadas *a priori* com o intuito de cruzar dados com outros estudos realizados em outros contextos esportivos. Bardin (1979) orienta três etapas: pré-análise, escolha de documentos a serem utilizados, processos de análises codificação dos textos e tratamentos dos resultados basicamente a organização dos dados recolhidos. A finalidade da técnica corresponde à busca de significado da mensagem originada pelos entrevistados.

Quanto à discussão, essa considera a experiência como um processo de aprendizagem incidental, pouco conscientizada (irrefletida) pelos professores. Os entrevistados enfatizam aprendizagem observacional a partir do período escolar, segunda fase, colaborando com o treinador, passando por auxiliar técnico e logo a carreira docente. Aprende-se mais observando professores experientes e com reconhecida experiência.

Já na conclusão, segundo Barros *et al.* (2013), uma complexidade na combinação teórica e prática junto ao desenvolvimento de esportes para jovens influenciam a aprendizagem profissional. Também se reconhece a contribuição de mais de uma maneira de adquirir conhecimento.

Santos, Almeida e Bracht (2009) utilizam o estudo bibliográfico e analisam narrativas orais através de entrevistas e elementos bibliográficos orais, segundo Souza (2003). Participam três professores: professores atuantes no âmbito escolar há mais de 10 anos e um professor já aposentado. O objetivo foi o de compreender a evolução da pessoa que é professor e o caminho da pesquisa leva os autores a refletir sobre a vida que antecede a

habilitação profissional. Os fatores sociais e culturais se entrelaçam junto com as decisões subjetivas. Dessa maneira, são destacados dois fatores: o primeiro, o fator financeiro; e o segundo, o “fazer o que os professores não faziam comigo”. Vale ressaltar que a paixão pelo esporte ajudou na escolha da profissão.

Os autores investigam as experiências anteriores, destacando o sentido de aprender com os outros professores, a transmissão de experiências *versus* o curso de formação e a prática pedagógica. A interpretação de narrativas converge na experiência desvalorizada tanto pela formação ser muito teórica ou se desvincular de questões específicas de ensino ou porque a lógica do professor especialista se impõe.

Já Bossle, Molina Neto e Wittizorecki (2012) colocam as mudanças sociais e pedagógicas do profissional de Educação Física na escola. O recorte apresentado corresponde à área da Educação Física escolar no ensino fundamental. Identifico a epistemologia fenomenológica.

Quanto à metodologia, destaca-se a estratégia de construir e reconstruir com o pesquisado e reconhecer suas singularidades, bem como as situações vividas, valorizando suas experiências e sua história de vida profissional. Dito isso, os autores fundamentam com Bauer e Gaskell (2002) e o argumento com Connelly e Clandinin (1995). Além disso, o referencial teórico da área Educação Física e a produção de estudos biográficos – narrativas com docentes utilizam os estudos de Nóvoa (1995) e Bueno (2002). Também há a perspectiva de estudos biográfico-narrativos com docentes, como Folle *et al.* (2009), Santos, Bracht e Almeida (2009), Bossle e Molina Neto (2009), Machado *et al.* (2010) e Figueiredo (2010).

Já o critério de inclusão foram professoras e professores de Educação Física escolar, docentes de distintas escolas, aspecto tempo de experiência docente até 15 anos, entre 15 e 25 anos, com mais de 25 anos; aceitaram participar da investigação seis profissionais da área. Os instrumentos de coleta de informação utilizados foram o diário de campo, análises de documentos e entrevistas, a partir das histórias de vida. Desse modo, foram construindo categorias de análises; estudou-se a categoria lugares de trabalho na vida dos docentes, em destaque a enorme multiplicidade de experiências.

Enfim, as considerações transitórias com o destaque na voz do professor. Os autores Bossle, Molina Neto e Wittizorecki (2012) identificam uma sociedade diversa, globalizada, acelerada, que idealiza a educação como salvadora da humanidade. Ainda identificam a potencialidade da técnica história de vida para atuar no binômio investigação/formação e uma resignificação da vida na escola.

Por outro lado, Krug, H., Krug, R. e Conceição (2015) conseguem o objetivo de analisar a carreira de dez professoras de Educação Física. O critério de inclusão foi determinado pela participação de professoras porque as mulheres são a maioria do professorado em geral e a escolha aconteceu de maneira espontânea.

Sobre a metodologia, essa fundamenta a técnica História de Vida, pautando-se pelos autores Moita (1992), Nóvoa (1992), o que complementa a abordagem biográfica. O estudo utiliza a reflexão a respeito da articulação entre duas realidades e a tomada de consciência de co-habitações de significados múltiplos num mesmo vivido, bem como o caminho transcorrido na formação da identidade do docente complementando a narrativa oral. As narrativas das professoras passaram por entrevistas semiestruturadas.

As análises de dados foram elaboradas a partir de cinco eixos: melhores momentos, piores momentos, problemas sentidos, momentos de ruptura e motivação para a docência.

No trabalho, discute-se a relação da estabilidade do docente com os melhores momentos da carreira entrando na dimensão subjetiva do tempo de vida, a boa interação com os estudantes gerando a motivação profissional, o reconhecimento e o empenho profissional contribuem na satisfação profissional. Nos piores momentos, destacam-se a formação deficiente, a violência instalada no ambiente escolar, material e espaço físico das práticas pedagógicas, desvalorização financeira, desmotivação, desânimo e fatores externos à ação pedagógica com diálogo com Jesus (2000) e Giesta (1996).

Num outro tópico, ruptura profissional relaciona-se com sentimentos de desconforto profissional, tais como tensão, frustração, ansiedade, raiva e depressão que, no transcorrer do tempo, pode transformar-se numa autêntica síndrome de professor exausto.

Enfim, nas considerações finais, os autores abordam a singularidade profissional, traços característicos e que a carreira docente pode ser marcada de forma negativa e de modo significativo pelos piores momentos e pelos problemas sentidos, originando momentos de ruptura profissional. Deixam pistas para reflexões que possam originar novos questionamentos sobre a professora e sua carreira.

Um outro estudo, o de Silva *et al.* (2022), apresenta a reflexão sobre o desenvolvimento profissional de uma professora emérita. O estudo destaca a fase emérita da docente marcada pela realização na docência, continuando com a trajetória profissional após a aposentadoria com características significativas com o desejo de continuidade docente.

Já a metodologia utiliza, segundo Souza (2006), entrevistas ou anotações pessoais. O critério de inclusão se deu por ser uma professora de Educação Física aposentada após 26 anos de carreira na rede estadual de ensino de Santa Catarina e que atua há 14 anos como

professora efetiva na rede municipal de São José/SC. Vale ressaltar que ela é a única professora aposentada e atuante em sala de aula na rede municipal de ensino. Entretanto, a entrevista semiestruturada contou com os temas geradores: identificação, percurso formativo, educação básica, aderência à profissão e ao espaço de intervenção, ciclo de carreira docente. Ainda é utilizado um software NVIVO na interface de representações de gráficos e tabelas.

Na conclusão, os autores destacam o estudo do desenvolvimento da carreira docente em Educação Física e também declaram o limite da contemplação de uma trajetória, recordações na memória. Por último, salientam a reflexão narrativa de afastamento no convívio familiar em diversas fases da vida. Assim, os professores na fase emérita são distintos de saberes, competências e realizações profissionais; enfim, buscaram compreender os docentes que ultrapassaram os tempos de carreira docente, mas almejam continuidade de seu percurso profissional.

Os autores Antunes, Bolsoni e Krug (2013) trazem o objetivo de aproximar duas histórias de vida na carreira de professora de Educação Física no recorte escolar e também buscaram entender como acontecem os momentos de reflexão, construção e experiências adquiridas na formação dentro da escola.

A metodologia apoia-se nos estudos de Bogdan e Biklen (1994), tendo em vista a abordagem (auto)biográfica de relatos escritos. Dessa maneira, ao falar em experiências, os autores dialogam com Larrosa Bondía (2002), que acredita que as palavras possuem uma força, pois as palavras determinam nossos pensamentos, ações, emoções e nossa linguagem.

O instrumento de coleta utilizado foi um relato (auto)biográfico escrito pelas colaboradoras a partir de alguns temas relevantes para a contribuição do processo de formação. O tratamento dos dados foi realizado em três etapas: na primeira etapa, mantiveram-se na íntegra os relatos (auto)biográficos; na segunda etapa, ordenou-se a informação de acordo com os pontos fundamentais que correspondem ao objeto de estudo; na terceira etapa, estabeleceu-se um paralelismo entre as histórias de vida das professoras investigadas e, por último, uma análise interpretativa das trajetórias delas.

Enfim, os autores destacam resgatar as vozes dos professores fora daquilo que está estabelecido e prescrito na sociedade atual. Ainda se pode afirmar que ocorreu uma transformação na concepção de como elas se tornaram professoras. Sendo assim, qualificaram a compreensão de uma formação de professores mais adequada a nosso tempo de hoje que foge das armadilhas pedagógicas de modismo e compreensão de caráter instrumental.

O estudo de Ordonhes *et al.* (2016) pesquisou a história de vida de Germano Bayer, um personagem que teve a intencionalidade de transmitir a memória de sua profissão.

Também explana a respeito do sujeito que realiza um trabalho consciente de recuperação de lembranças. Intencionalmente, deixou documentos, fotos, filmagens e outros registrando a função hierárquica do Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal do Paraná. O objetivo apresentado é de descrever e registrar a construção de uma memória relacionada diretamente com a profissão de educador físico. O limite é encarar as memórias individuais como totalmente condizentes com a realidade.

A metodologia do trabalho é fundamentada conforme Freitas (2002), Meihy e Holanda (2007). Além disso, foi realizado um trabalho exploratório entre livros, textos, fotografias e documentos de Germano Bayer.

Já nas análises de dados, os autores conseguem comparar as transcrições das entrevistas, os artigos e todo o material de Bayer.

Nas considerações finais, os autores ponderam que a memória de Germano Bayer nunca deixou de existir. Ela está presente em tudo o que ele viveu e cuidou para deixar registrado, tornando-se uma memória coletiva. Germano conseguiu colocar à disposição da comunidade o seu acervo. Dessa forma, o ponto imutável de Germano foi a vontade de levar seu acervo pessoal para gerações futuras. Por outro lado, a criação do acervo pouco influenciou a trajetória de vida do professor, mas se tornou referência como fonte de pesquisa por parte de historiadores, professores e estudantes.

Sobre o estudo de Souza *et al.* (2016), esse investigou a história de vida do professor de Educação Física Erasmo Pilotto, figura destacada na transformação da educação no estado do Paraná. O tempo referido acontece nas décadas de 1950 a 1970. Os autores referenciam Hobsbawm (2000) ao tratar das interferências sobre o futuro, tendo por base o que aconteceu no passado. A problemática está estabelecida a partir do peso de Erasmo Pilotto e a relação com sua proposta que influenciou o trabalho pedagógico no campo da Educação Física escolar e como suas propostas ideológicas influenciaram a efetivação das aulas de Educação Física nas escolas de educação primária paranaense.

Entretanto, o objetivo foi de buscar entender como a Educação Física se contextualiza nas obras de Erasmo e como suas propostas ideológicas influenciaram a efetivação das aulas deste componente curricular na educação primária, bem como investigar um participante e como se dava a visão desse intelectual e educador. Dessa maneira, a pergunta norteadora faz referência ao ambiente escolar daquele período e ao trabalho pedagógico no campo da Educação Física escolar. Segundo Miguel (1997), vinculam-se as práticas de Erasmo com a organização social do trabalho no campo da cultura, da pedagogia, das artes plásticas, da filosofia e da literatura com foco na organização da escola. Também, conforme Vieira (2001),

Erasmus foi um estudioso da tendência escola nova no Paraná e afirma que Pilotto interpretava uma realidade profunda que nem a ciência nem a teologia são capazes de aprender plenamente.

Vale ressaltar os diálogos com Gramsci (1977) e a intenção de definir Pilotto como um professor intelectual, já que ele (Pilotto) participava ativamente da organização e da direção dos projetos culturais que visavam intervir sobre o modo de vida e o processo de formação humana. Pilotto foi um grande pensador das peculiaridades referentes à educação em seu tempo, realizando importantes causas no mérito educacional, colocando a criança, segundo Pilotto (1973), com direito ao ar livre, desenvolvendo seu corpo e seu espírito.

Enfim, nas considerações finais, os autores da pesquisa esclarecem que, ao revisar a história de uma sociedade, a Educação Física sempre esteve em pauta como sendo uma área essencial que colabora para a formação humana. Ainda destacam as obras analisadas de autoria de Erasmo Pilotto, que, em seu texto, enfatiza que o professor é o responsável pelo amadurecimento do estudante, tendo o professor o papel de aprender e se modificar para poder estimular os alunos em suas aulas. Pilotto focou no desenvolvimento social do homem, afirmando que a criança precisa ter conhecimentos de seu corpo para sua transformação total. Dessa forma, Erasmo Pilotto trouxe, em seus escritos, reflexões relevantes para o campo da Educação Física, como os dos anos de 1952, 1954, 1964, 1966, 1973, 1976, 1980, 1987, 1996, 2004, explanando a importância da Educação Física para o corpo e o desenvolvimento social do homem.

Já Frizzo (2016) consegue elaborar um trabalho significativo em relação ao regime militar desde o começo do século XX até os depoimentos do cidadão Gregório Bezerra nos anos 1980. Segundo Frizzo (2016), trata-se de uma pesquisa exploratória com relato de vida. A fonte de dados conta com Bezerra (1967, 2011) e o jornal O Pasquim (1980). Dessa maneira, destacam-se os relatos de prisão e tortura mais a entrevista publicada no jornal.

O autor traz o objetivo de relacionar o trato da histografia com os autores Castellani Filho (1998), Goellner (1992), destacando os estudos de Ghiraldelli Júnior (1987). As análises da Educação Física se dão por meio de tendência e contratendências, conforme Taborda de Oliveira (2002). Os autores resgatam o protagonismo do personagem dialogando com Fernandez (2011) e Gullar (2011), que descrevem a transcendência dos fatos de Gregório Bezerra indignado com a organização das massas e da luta, com o objetivo de lutar pelo povo brasileiro. O personagem tem a relevância de ser formado na primeira turma da Escola de Educação Física do Exército (ESEFEX) ao mesmo tempo que tem contato com a militância comunista do Brasil e transformando-se em líder revolucionário já nos anos 1930.

Entretanto, a discussão aborda tendências e manifestações de forma hegemônica, a formação social, a estrutura de classe e o papel do Estado por um lado e do outro as manifestações de rua em 1917 em prol da justiça social contra o sistema de controle de massas. O personagem passou cinco anos preso. Logo, decide matricular-se com a intenção de ser alfabetizado na Escola de Sargento de Infantaria, lugar compartilhado com o primeiro Centro Militar de Educação Física. Também, nesse período, tem uma relação orgânica com o Partido Comunista Brasileiro, posicionando-se numa vida militar com os objetivos políticos. A partir daí, conseguiu articular atividades políticas junto a operários, professores e estudantes, participando do Levante Comunista de 1935, denominado “repressão militar fascista”. É época na qual passou por torturas chamadas pelo comandante de sessões espíritas, momento em que Gregório não dormia, não bebia água. Após esse período, foi eleito deputado federal em Pernambuco, em 1945, e em 1964 foi novamente preso, momento em que foi integrante do grupo trocado pelo embaixador americano sequestrado.

Enfim, concluindo, Gregório Bezerra foi um dos primeiros a serem diplomados no Brasil como profissional de Educação Física formado na tendência à noção militarista da Educação Física. Segundo Frizzo (2016, p. 226), “foram 23 anos de cadeia, cujas acusações e condenações que sofrera tiveram fundamento somente na sua convicção política, pois seu único crime foi defender o povo brasileiro contra as duas ditaduras [...], ainda que à custa de sua liberdade”. Atuando no papel de professor, este não foi o aspecto mais significativo de sua vida, porém, teve coragem de enfrentar as tendências. Em nexos, estaremos também contando a história da própria Educação Física por meio de suas contratendências. Confrontou a opressão do mundo e ajudou a construir a parte bela da história do Brasil.

Nas considerações finais do trabalho, considerou que a técnica história de vida complementa o entendimento de olhar para o passado questionando a dinâmica social, individual e ambiental da comunicação entre o participante e as circunstâncias sociais de uma determinada época, bem como perceber que o futuro de acontecimentos comunitários está nas incertezas da ordem e da desordem.

Por outro lado, no horizonte da técnica História de Vida, aparecem as experiências sociais concretas, as lutas ideológicas, estruturas sindicais, ativismo político, liderança comunitária junto ao contexto cultural, ideológico e moral.

O Brasil está na vanguarda neste campo. Por isso, os cuidados meticulosos na utilização de estratégias e tomada de decisão cumprem um determinante na escolha da técnica história de vida. Recordar-se que o sujeito deve cumprir o caminho de volta em direção à Educação Física e destacar a história vivida do participante da pesquisa.

Freitas (2002) destaca que a História Oral estuda a entrevista e outros procedimentos articulados entre si na obtenção de informação narrativa da experiência humana. No pensamento da autora, as relações destacam movimentos populares e sociais, urbanos e rurais, para os quais a comunicação oral representa um instrumento primário de expressão e de agregação que se apresenta de forma particularmente ideal a pesquisas com fontes orais.

Por outro lado, a História de Vida considera um relato autobiográfico, a reconstituição do passado, efetuado pelo próprio sujeito, sobre o próprio sujeito. No limite de profissionais da Educação Física (delimitação deste trabalho), o pesquisador define um próprio estilo pessoal, característico dos historiadores orais em busca de experiências significativas de formação humana, acrescento, complementando-a com fatores ambientais.

Ademais, os questionamentos dentro da técnica são diversificados desde a imigração à procura da dignidade humana, fugindo de condições desfavoráveis no aspecto individual, social e ambiental ou a imigração à procura de estudos dentro de uma outra circunstância de vida, também a memória de traços recentes.

Assim, além dos privilégios dos grandes homens, dá-se voz aos sujeitos do dia a dia, os esquecidos ou os vencidos da história; observa-se esse professor, essa professora e penetra-se com a técnica História de Vida nos relatos e narrativas, sistematizando e originando críticas ao sistema educacional e às instituições de ensino, gerando, dessa maneira, provocações, questionamentos, reflexões e incômodos com a finalidade de colaborar para uma educação de qualidade e pluralista defendendo toda forma de vida.

Ainda se apresenta a síndrome do professor esgotado, mal-estar docente, doença de Burnout ou medos, traumas, fármacos ingeridos, doenças silenciadas como Alzheimer, demência, ansiedade ou até o comportamento suicida que podem ser cuidadosamente trabalhados. Lembrando que a história vivida com suas narrativas e resultados revela a insatisfação dos professores na formação nas instituições de ensino superior.

Categoricamente, aparece o depoimento de Gregório Bezerra e as atrocidades praticadas pela ditadura militar no Brasil e quantos outros passaram pela mesma situação somados aos estudos de Germano Bayer e Erasmo Pilotto, destacando fazer a diferença no âmbito educacional.

O nível holístico aparece como componente da história de vida pelo fato de os entrevistados narrarem suas histórias como um todo e a investigadora ou o investigador perceberem aspectos da vida da pessoa em relação a acontecimentos sociais de que fizeram parte, com as instituições com as quais interagiam, das relações pessoais que se consolidavam.

Enfim, sem a mediação do pesquisador, o esforço de resgatar a palavra de pessoas não deixaria nenhum testemunho. Com isso, amplificar vozes que não se fariam ouvir é a função do pesquisador. Ao ir formulando o referencial, teve-se o cuidado de selecionar autores diversos com a intencionalidade de formular um horizonte de possibilidades ao interessado na técnica história de vida. Dessa forma, essas são obras publicadas por pares da Educação Física e referências na investigação do ser docente.

4. ESTRATÉGIAS DA ENTREVISTA COM MARIA ZITA FERREIRA

Após instruir-me de informações valiosas a respeito da história de vida da professora, somada à tendência do fazer colonial, traço algumas decisões diversificadas. Entretanto, as estratégias foram traçadas em três encontros sistematizados.

No primeiro contato pessoal, aconteceu a apresentação do estudo, os objetivos, as análises bibliográficas, assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Foi deixada uma cópia do trabalho realizado até o período estabelecido.

O segundo encontro aconteceu num espaço físico predeterminado com as características para se efetuar uma entrevista.

Já o terceiro encontro aconteceu com a intenção de apresentar os dados colhidos da entrevista, a transcrição da entrevista e alguma questão para ser esclarecida. Dessa forma, refletiu-se a respeito dos dados coletados, foram apresentadas a transcrição da entrevista e a assinatura da sessão de direitos.

Dessa maneira, efetuou-se uma entrevista semiestruturada com foco nos estudos realizados, com o objetivo de analisar a categoria crítico-criativa. Segundo Freitas (2006), a entrevista se desenvolve num tom natural e espontâneo. Religando a sistematização do método História Oral, considera-se que as entrevistas se transformam em documentos e a narração constitui uma parte da vida do agente histórico ligado ao tema de estudo. Portanto, “respeitar e valorizar as diferenças individuais numa sociedade cada vez mais massificada é fundamental” (FREITAS, 2006, p.72). A intenção desse primeiro encontro foi formar um laço de confiança essencial entre pesquisador e pesquisado.

Segundo Goldenberg (2004), a entrevista e a observação participativa combatem o perigo de *bias*, alcançando níveis de compreensão alcançados por uma abordagem qualitativa. Com isso, o autor refere-se a uma entrevista em profundidade apresentando flexibilidade e criatividade, compreensão e simpatia, pois cada entrevista é única.

Conforme Amado (2012), a história de vida é possível quando o narrador se separa de uma história coletiva e expressa um discurso subjetivo estruturado na concepção específica da essência do ser humano. Tanto Goldenberg (2004), Freitas (2006) e Amado (2012) configuram estratégias detalhadas dos procedimentos de uma entrevista, desde a hidratação, temperatura ambiente do local, tempo, tecnologia, incertezas, clarezas, e rotas de ação traçadas nas análises de dados colhidos.

4. RELATÓRIO DESCRITIVO DOS ENCONTROS COM A PROFESSORA MARIA ZITA FERREIRA

Ao refletir sobre a elaboração de um registro de dados, pensei em utilizar uma interpretação da finalidade de um relatório descritivo. Isto é, um documento que narrasse o primeiro e os próximos contatos com a professora Maria Zita Ferreira. Então, o relatório foi fundamentado em Goldenberg (2004) e Amado (2014). Na continuação, há uma descrição do *locus*, que corresponde a uma instituição de ensino superior privado, localizada na periferia de Goiânia. Ainda há uma descrição sucinta da distribuição das áreas do campus e designação de blocos acadêmicos, desenvolvendo a reflexão a respeito da ambiência do trabalho. Além disso, descreve-se o acontecimento e, como resultado deste processo, foi designada a agenda da entrevista.

Dessa forma, segundo Goldenberg (2004), a investigação deve tornar as operações claras para aqueles que não participam da pesquisa. Uma pesquisa qualitativa trata os dados produzidos juntamente com os processos através dos quais as rotas de ação foram alcançadas. Além disso, deve-se retomar ao objetivo geral e aos objetivos específicos do estudo.

O primeiro contato iminente com a professora Maria Zita Ferreira aconteceu nas primeiras horas do horário acadêmico, um dia fresco e ensolarado, o local sala de Dança do Campus 2 de uma instituição de ensino privada. Geograficamente, o Campus 2 localiza-se na periferia da cidade de Goiânia (a mais de 30 km do centro da cidade). O Campus 2 conta com um extenso território, distribuído em áreas e blocos arquitetônicos. Por exemplo, uma área de alto nível, na área mais elevada do terreno se localiza um campo de futebol com pista de atletismo, duas quadras descobertas e duas quadras cobertas, dois campos com grama artificial. Logo, descendo nas características do terreno, existe uma área intermediária com o ginásio principal, estrutura de convivência, do lado, o estacionamento e do outro lado uma porção de território nativo do bioma Cerrado. Vale ressaltar que o Campus 2 possui um Memorial do Cerrado.

Do lado do ginásio principal, na parte da queda do nível do terreno, existe uma estrutura arquitetônica destinada às práticas de exercícios resistidos, sala de dança, vestiários e uma pequena piscina aquecida. Esta estrutura contém uma frente de vidro com vista ao conjunto administrativo e salas de aulas, a piscina semiolímpica e há uma porção do território nativo do Cerrado.

Já na porta da sala de dança, apresentei-me e ela levou as duas mãos na cabeça e disse: “quem quer as coisas corre atrás”. A exclamação refere-se à falta de comunicação, já que a professora não respondia as mensagens de *WhatsApp*. A justificativa passa por um problema de terminalidade de vida de dois familiares da professora.

A professora estava em aula e comentei sucintamente a estrutura do instrumento de obtenção de dados. Citei os livros fichados e descrevi a pesquisa na internet. Com isso, a professora chama a turma e me convida a apresentar minhas rotas de ação.

Neste relato escrito, destaco o fazer decolonial de compartilhar as rotas de ação deste estudo. Segundo Ortiz Ocaña (2019, p. 162), “*el ‘investigador’ observa y pregunta, pero no le permite observar ni preguntar al ‘investigado’*”⁶. Valorizando o ato de igualdade, criou-se um contexto de diálogos. Sendo assim, o investigado pergunta ao investigador, ou seja, a professora Zita me perguntou por que queria pesquisá-la.

Respondida a pergunta e já localizados na única mesa da sala, retirei da mochila os estudos realizados até o momento. Nesse instante, observo detidamente os livros, CD, apostilas, plano de aula, lista de chamada e a professora me diz: “comigo os jovens têm liberdade de escolher o material de estudo e eles assinam a chamada”. A turma começou a se despedir de nós e ficamos um em companhia do outro.

Continuando com o relato, com o projeto em mão, ela segurou meu braço e me conduziu ao canto da sala, sentamo-nos no chão. Ela encostou a mão no meu braço e iniciamos uma conversação decodificando o texto.

Assim, contei a respeito das justificativas, metodologia analítica fundamentada em Lakatos. Logo, analisamos a nuvem de palavras, conversamos sobre o núcleo sólido (história de vida), a sistematização, a abordagem do estudo e a tendência. Nesse lapso de conversação, ela expressou surpresa ao ler a citação de Leonardo Boff no texto. Além disso, o instrumento de coleta de dados com perguntas foi analisado por ela com destaque aos professores Tadeu, Paulo Ventura; ela destacou a Janira Sodré Miranda, pelo trabalho do Movimento Negro Unificado.

Ela pediu para ver o roteiro da entrevista e, após rápida análise das perguntas, confirmou a participação na entrevista.

Para Goldenberg (2004, p. 48), é de grande importância a apresentação de um relatório com os resultados, pois, “em geral, os pesquisadores ‘escondem’ as dificuldades em seus relatórios de pesquisa, preferindo mostrar apenas ‘o que deu certo’”. O resultado desse encontro foi agendar dia, horário e local da entrevista com a professora Maria Zita Ferreira e também pensar na elaboração da sistematização dos acontecimentos. Como dificuldades, surgem as incertezas, a elaboração de um plano b e de um plano c. Considero o tempo um fator limitante no processamento de fluxo de informações.

⁶ “O ‘investigador’ observa e pergunta, mas não permite observar nem perguntar ao ‘investigado’”. (Tradução nossa).

A justificativa criteriosa do *locus* da entrevista foi fundamentada na tendência subjetiva. Delineando a tendência decolonial, os preparos do encontro foram planejados nos estudos de Ortiz Ocaña (2019), que considera o fazer decolonial além de um reducionismo metodológico. O decolonial traça rotas de ação além de um método e um conjunto de técnicas e procedimentos, reafirma ações e pegadas decoloniais. Já no papel de ator, de facilitador de processos liberadores, busca ser um mediador e distanciar-se de elementos da investigação que dominam e alienam.

O *locus* foi criteriosamente escolhido pela constituição da escola onde aconteceu a qualificação profissional da professora. O capítulo do livro de autoria da professora Ferreira (2000, p. 55) explana que, já instalados no estado de Goiás, “com muita garra, sem perder de vista nosso objetivo, consegui fazer o curso superior na Escola Superior de Educação Física, curso este já previsto por minha mãe, pois a primeira vez que ela viu esta Instituição, ela comentou: ‘a Zita vai fazer este curso’”. Vale ressaltar que foi o primeiro retorno após o seu egresso. A História Oral dialoga com lembranças, evidenciando uma memória coletiva. Conforme Freitas (2006, p. 47), “[...] é como discurso que a memória evidencia todo um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente”. Soma-se o contato com o território marcado, visto que o território se entrelaça entre memória, acontecimentos e reconexões, motivando uma série encadeada com situações do passado.

Pois bem, o *locus* é uma instituição de ensino superior pública, localizada a menos de 2 km do centro de Goiânia, a quadra do lote forma um complexo de instituições do Estado. Por exemplo, AsDown, CMEI Viver a Infância, uma escola desativada, Secretaria de Estado de Educação (antigo IFG e ex-escola Modelo de Goiânia), batalhão de Polícia Escolar, entre outros. O terreno está instalado num nível topográfico alto da cidade.

A entrada principal desativada mostra sinais de abandono. A instituição de ensino superior está rodeada por um muro de alvenaria. A entrada acontece por um portão azul que dá acesso a uma rua interna com um boulevard no meio e estacionamentos laterais. Essa rua divide a estrutura de salas de aula, local administrativo, biblioteca, auditório Damiana da Cunha, o almoxarifado, áudio e vídeo, mais o Ginásio III de ginástica com uma área de convivência que proporciona um horizonte amplo e verde. Esta estrutura faz parte do relevo mais alto do lote, dando vista privilegiada. Do outro lado, localiza-se o Ginásio II Ivo de Almeida Silva com uma área destinada a práticas de oficinas ao ar livre e do lado uma quadra de tênis desativada.

No final da rua boulevard, do lado esquerdo, encontra-se um outro ginásio que faz limite de propriedade. A partir dessa localização, acontece o desnível significativo do terreno.

No primeiro desnível, está localizado o parque aquático com uma estrutura de vestiários e salas de aula, depósito, almoxarifado, etc. Logo, o desnível do terreno é interrompido por uma rampa que dá acesso à clínica-escola. Também se localiza uma escada que proporciona acesso à pista de atletismo, campo de futebol e área de convivência.

Planejei o encontro após a aula Potência do Movimento, que acontece no Ginásio Ivo de Almeida Silva. No processo da aula, fiquei atento ao movimento de entrada de carros. Percebi que a professora Maria Zita Ferreira havia chegado. Observei que desceu do veículo e foi reconhecer o território vivido.

No encontro no portão do Ginásio II Ivo de Almeida Silva, aconteceu o reconhecimento de um professor à pessoa da professora Maria Zita Ferreira. Com grande entusiasmo, o professor cumprimentou a professora e a convidou para realizar uma conversa com a turma de graduandos do curso de Educação Física.

Esse instante foi de felicidade plena por parte do professor descrito pela professora. Logo, foi apresentada como pioneira na Dança em Goiás junto com as professoras Conceição, Deli Miguel e Cristina Bonetti (vale ressaltar o trabalho de Leni Lima e a professora Maria das Graças ambas professoras da ESEFEGO que foram ao Rio de Janeiro fazer dois anos de especialização em dança na UNRJ)⁷. As professoras foram designadas como patrimônio histórico e baluarte da dança em Goiás. Em destaque, a professora diz que “é tão bom ser parte da memória do outro”. Vale destacar o empenho e disposição de estudar e continuar estudando.

Após o encontro com o professor, nós seguimos em direção à estrutura de salas de aula. No caminho, a professora parou e recordou um episódio de racismo estrutural que aconteceu há, aproximadamente, 50 anos com ela nesse exato espaço e sua atitude de defender seu lugar. Segundo Almeida (2021, p. 183), a herança da escravidão se relaciona com o racismo e a economia política, marcas mentais e institucionais deixadas pelo racismo e pelo colonialismo, ou seja, ações racistas, autoritárias e violentas, uma vez que “a escravidão e o racismo são elementos constitutivos tanto da modernidade, quanto do capitalismo, de tal modo que não há como desassociar um do outro”. Certamente, as pegadas de ação deslumbram o cuidado de proteger sua identidade, sua ancestralidade.

Já na entrada da estrutura de salas de aula, a professora recordou a tia Maria e o tio João (chamados por ela com afeto e brilho nos olhos), ambos colaboravam na sobrevivência cotidiana fornecendo lanches para sustentar as exigências de um dia de aula. Segundo Freitas

⁷ Na orientação da parecerista professora Michelle perguntei a professora Conceição ao respeito ao movimento de professoras pioneiras na dança dos anos 1970

(2006, p. 47), “pois é como discurso que a memória evidencia todo um sistema de símbolos e convenções produzidos socialmente”. Continuando na linha de pensamento da autora, potencializar o resgate do sujeito no processo histórico, tomar distanciamento da tradição historiográfica do século XIX, atuar livre de regras rígidas, onde a história do presente, do cotidiano e da experiência individual adquiriram significativa importância. A memória junta-se à cultura. Segundo a autora:

[...] é pela oportunidade de recuperar testemunhos relegados pela História que o registro de reminiscências orais se destaca, pois permite a documentação de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais, omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento. (FREITAS, 2006, p. 47).

Continuando com a experiência social concreta, dirigimo-nos ao ponto do nosso encontro, a sala 4. Percorrendo as instalações da estrutura de salas de aula, surge o comentário da professora ao se referir ao contexto estrutural da instituição de ensino superior. A professora expressa: “aqui está presente a violência, a guerra, a divisão de classes”.

Próximo à sala 4, a professora se reencontra com o auditório Damiana da Cunha, junta as mãos em forma de concha e se aproxima do vidro e contempla o interior do recinto. Ao ingressar na sala 4, a professora pede licença para reverenciar o piano encostado contra a parede ao lado do quadro verde, as paredes com sinais de deterioração, o piso azul descascado, o teto com luminárias que não iluminam, janelas que observam o passar do tempo e um portão metálico de mais de dois metros de comprimento. Completam o cenário duas cadeiras, uma mesa e uma estante metálica.

Envoltos na sintonia e sincronia humana, a professora comenta que “são emoções fortes”. Segundo Ortiz Ocaña (2019, p. 157), o fazer decolonial:

*[...] vive la emocionalidad, la disfruta, observa la acción del otro, lo observa/escucha/configura sin juzgar, lo siente y se deja sentir, deja salir su afectividad, se involucra con el otro, se deja llevar por su dinámica relacional, por su lógica discursiva, por sus anhelos, miedos, sueños y expectativas.*⁸

O relatório descritivo outorga ao leitor o contexto da entrevista com a professora Maria Zita Ferreira. Dessa maneira, continuando na linha de Ortiz Ocaña (2019), as condições

⁸ “[...] vive a emocionalidade, a disfruta, observa a ação do outro, o observa/escuta/configura sem julgar, o sente e se deixa sentir, deixa sair sua afetividade, se involucra com o outro, se deixa levar pela dinâmica relacional, pela sua lógica discursiva, pelos seus anelos, medos, sonhos e expectativas”. (Tradução nossa).

de diálogo intercultural se manifestam, evidenciam e materializam através do conversar intercultural, potencializando a estabilidade e harmonia nas relações humanas. As perguntas elaboradas foram respondidas num primeiro momento:

- 1) Para você, o que é ser crítico?
- 2) Para você, o que é a criatividade?
- 3) Como enxerga a questão da autonomia intelectual?
- 4) Como vê hoje a formação de professores de Educação Física?
- 5) Consegue fazer alguma reflexão sobre o corpo negro na Educação Física?
- 6) Como enxerga a função social da Educação Física atualmente?
- 7) Se pudesse deixar uma mensagem aos professores de Educação Física em formação, qual seria?
- 8) Há algum tema que não foi abordado que a senhora gostaria de refletir?

Num segundo momento, foi elaborado um roteiro de entrevista entre os participantes, idealizando propostas psicológicas como a resiliência e a saúde mental; uso de drogas; vida sexual. Conversamos a respeito da Arte e do espírito. Conversamos a respeito da Filosofia, da consciência ambiental e da ingestão de água, do medo e da utopia de uma sociedade tolerante.

5. RACISMO, CRÍTICO/CRIATIVO E FAZER DECOLONIAL

Professora Zita: você é uma grande referência para a cultura afro-brasileira, dança e nossa ancestralidade. Sua presença nos empodera, nós representa na dança e na sociedade.

Rosirene Campêlo dos Santos

Análise e reflexão do programa de investigação proporcionam a heurística positiva da tendência decolonial do sujeito, apresentado anteriormente. Dessa maneira, toma-a de decisão em localizar, com caráter de tópicos, o racismo, crítico-criativo e o fazer colonial.

Além disso, a rota de ação, fundamentada em Lakatos, Worrall e Currie (1983), a heurística positiva soma acrescentando dois objetivos específicos, sendo um apresentar o conceito crítico-criativo e, o outro, apresentar o conceito fazer colonial.

Arroyo e Alvarado (*Apud* OCAÑA; LÓPEZ, 2019, p. 152) esclarecem: “*avanzar en el empoderamiento de todos los participantes de la investigación, en nuevas rutas de resistencia e insurgencia, de caminos alternativos hacia las paces cotidianas que se generan desde el compromiso ético y apasionado por los otros*”⁹. Interpreto que em vossas veias corre a colonialidade do saber, do poder, de ser e de viver. A contrapartida da paz que o autor prega é proveniente da ciência lógica da modernidade capitalista, contemporaneidade nos eixos de uma recolonização neoliberal, etnocentrista e racista.

O fazer decolonial busca, além de conhecer, reconhecer determinado fenômeno percebendo como ele é vivenciado, procurando assim outro sentido. O fazer decolonial, em concordância com Bernardes e Pereira (2019, p. 100), “é [...] constituído pelo sujeito na intersubjetividade vivida no mundo-vida. Por isso, o interrogamos durante o processo investigativo”. Diferentes ações nos levam a complementar as ideias de Sanches e Santos (*apud* BERNARDES; PEREIRA, 2019, p. 102): “1) o conhecimento afigura-se como algo em constante (re)construção; [...] 2) o caso é um todo complexo, e não a mera soma de suas partes constituintes; [...] 3) a realidade pode ser compreendida a partir de diferentes óticas”. O fazer decolonial dialoga entre dois sujeitos reflexionando a respeito da visão que cada um tem do outro, somando a experiência vivida e gerando um pacto de confiança, o que contribui com narrativas para transformar as vivências e de velar seu sentido e significado, e assim gerar outras lógicas investigativas.

⁹ “Avançar no empoderamento de todos os participantes da investigação, em novas rotas de resistência e insurgência, de caminhos alternativos em direção as paces cotidianas que se originam desde o compromisso ético e apaixonado pelos outros, pelo mundo”. (Tradução nossa).

Segundo Moraes (2019, p. 139), a complexidade das dimensões humanas constitutivas da natureza da matéria “provocou mudanças nas perspectivas epistemológicas do sujeito, do observador científico, nas relações sujeito/objeto, passando a explicar as relações entre o mundo físico, o mundo biológico e o antropológico”. O contexto da história de vida da protagonista desta ação decolonial entrelaça-se na resistência de comportamentos racistas e excludentes, colocando a relação de divisão de classes. Porém, o racismo estrutural cumpre uma função determinada nas relações com a sociedade. Segundo as palavras da entrevistada Maria Zita Ferreira:

Essa autonomia intelectual, se for partindo da relação com a sociedade em que se vive. Na verdade, a gente vive numa sociedade determinada por um sistema, que é o capitalismo e eu não posso negar essa relação do ser humano; ele é intelectual, mas ele também pertence a uma sociedade que determina as condições humanas de sobrevivência. Então, nós vivemos em sociedade que divide o ser humano em classes sociais e outras exclusões, como também a estrutura do racismo, o racismo estrutural. E eu, como uma mulher negra, não poderia deixar de citar essa categoria para o desenvolvimento de um trabalho intelectual com pertencimento na história, na cultura e no mundo das artes, da religião, etc. Portanto, ser intelectual é se preparar para a vida com essas várias dimensões.

Com ênfase na categoria racismo estrutural, as configurações sociológicas acontecem dentro e fora das instituições de ensino. Segundo Almeida (2021, p. 72-73),

É desse modo que o racismo passa da destruição das culturas e dos **corpos** com ela identificados para a **domesticação** da cultura e de corpos. Por constituir-se da **incerteza** e da **indeterminação**, é certo que o racismo pode, a qualquer momento, descambar para a violência explícita, a tortura e o extermínio. Porém, assim que a superioridade econômica e racial foi estabelecida pela desumanização, o momento posterior da dinâmica do racismo é o do enquadramento do grupo discriminado em uma versão de humanidade que possa ser controlada, na forma do que podemos denominar de um *sujeito colonial*. Em vez de destruir a cultura, é mais inteligente determinar qual o seu valor e seu significado.

Corpos com cultura negra e/ou indígena influenciados por terminologias dogmáticas e de domesticação lutam contra a forma de mercadoria, transitando, primeiro, pela desumanização e, depois, pelo enquadramento em uma configuração que possa ser controlada (no limite da violência, tortura e extermínio).

No desprender das palavras, a história oral de uma mulher nordestina, negra e professora de Educação Física apresentada pela entrevistada:

[...] vou só mostrar um caminho. Por exemplo, a estrutura do trabalho corporal do negro. Ela vem de toda uma vida antropológica que isso se organiza, a cultura própria. Nessa cultura, tem todo o desenvolvimento de

uma linguagem de corpo específica daquele universo negro. E essas linguagens, elas vão se conectando com outras linguagens, porque a linguagem é uma necessidade humana de comunicação. O corpo, ele se relaciona dessa forma. O corpo negro, ele se relaciona com uma linguagem própria a partir dos seus ritos, dos seus símbolos, a sua maneira de interpretar a própria história.

Na linguagem corporal da etnia negra e ameríndia, há símbolos, ritos e códigos. Segundo Maria Zita Ferreira, é uma linguagem que interliga o caminho África-Brasil, Brasil-África, valorizando a força da terra ancestral. Segundo Maria Zita Ferreira, com essa ancestralidade, a dança leva ao encontro com a identidade, com o movimento humano. Isso tem um lugar de origem e uma direção, ou seja, um propósito de resistência e inovação. A ação vai levar o indivíduo a uma compreensão da constituição da sociedade.

A dança é essa relação com a música, né? Ela me traz a alegria de viver. A dança, ela me traz o encontro comigo mesmo, com a minha identidade, com a maneira que eu interpreto o movimento humano. O movimento humano, pra mim, hoje, eu não sou mais analfabeta do meu movimento humano. Ele tem um lugar de origem, ele tem uma direção, ele tem propósitos, ele tem resistência e ele tem inovações. Tudo isso é patrimônio. A gente vai retirando uma gotinha quando a sociedade (a gente vê que) está ali convocando com honestidade sobre a nossa cultura.

A etnia negra e ameríndia tem um poder de origem, de cultura própria assimilada “para poder lidar numa sociedade com toda a sua discriminação, com toda a sua estrutura discriminatória, ter um poder de transformar o meu eu próprio e ainda contribuir a sociedade diversa” (Maria Zita Ferreira). São, pois, tendências opressivas que, historicamente, foram defendidas por uma sociologia biológica da evolução da espécie humana. Segundo Eze (2017, p. 15):

[...] baseada em sua maior parte na consciência de seu enredo coletivo com a história do Ocidente moderno, de sua objetificação e “coisificação” por parte do Ocidente –, lutando sempre de maneira tanto individual como coletiva, com métodos pluralistas e multifacetários, contra as tendências opressivas dentro das culturas capitalistas europeias, e contra as ilegítimas estruturas coloniais que esmagavam as iniciativas africanas no continente.

Com a área da Educação Física não é diferente e ela cai nas armadilhas lógicas eurocêntricas e norte-americanas (dualismo, contradição, axiologia, pragmatismo etc.). É evidente que não é a mesma ótica de investigador e colonizador que investigado e colonizado.

Por exemplo, analiso as abordagens pedagógicas estudadas no curso de Licenciatura em Educação Física e percebo que nada se diz sobre a abordagem crítico-criativa e nem sobre uma teoria criativa.

5.1 SER CRÍTICO/CRIATIVO

Zita, minha amada amiga, sinto saudade de nossos abraços que colocavam a sua coluna no lugar; dos risos e sorrisos, e de todo o afeto que demonstrávamos um pelo outro. Receba o meu abraço apertado e meu beijo saudoso, direto de Natal/RN.

Professor Tadeu Baptista

O curso deste fazer colonial apresenta o conceito de criatividade junto com a crítica pensada nas intervenções pedagógicas efetuadas pela professora Maria Zita Ferreira.

A professora avalia a sociedade contemporânea como uma sociedade hostil, uma sociedade em constante luta de espaço e de expressão. Segundo Alves (2005, p. 415), o Toyotismo é a ideologia orgânica da produção capitalista. Assim, “o Toyotismo é a expressão superior da racionalização capitalista no acúmulo de valor”. É, pois, a reprodução social sob o domínio do capital global, afetando a consciência, inconsciência e pré-consciência do sujeito, com forte tendência de apropriação dos processos cognitivos. Segundo o autor, o Toyotismo seduz com a ideologia de nível organizacional enfatizando a qualidade cognitiva do ser social, buscando “capturar o pensamento do trabalho, integrando suas iniciativas afetivo-intelectuais no objetivo da produção de mercadorias” (Ibidem, p. 417). Soma-se ao racismo estrutural diagramado neste estudo. O racismo na relação intrínseca junto com o sistema capitalista foca na qualidade da mente. O trabalhador, segundo o autor, é seduzido pelo consumo e imersão no fetichismo da mercadoria desmascarado através da perspectiva dialético-materialista.

As ações pedagógicas evidenciadas no livro *Ginga Nego, Ginga a História* procuram “desenvolver um trabalho concreto com alunos, professores e funcionários da escola, envolvendo, também, pessoas da comunidade local” (FERREIRA, 2000, p. 48). Índícios de práticas criativas e críticas aparecem na integralidade das ações entre comunidade-escola.

Dessa maneira, estar presente nas datas comemorativas, atividades escolares, reuniões pedagógicas, sala de aula, pátio, corredores, secretaria, cozinha e administração em geral representa um entendimento profundo da logística escolar denominada pela autora de momento preparatório. Em suas palavras:

O ser subjetivo que tem seu universo próprio, familiar, sua construção familiar e de grupo. Que eu sou negra e de etnia negra, então eu preciso entender também esses valores e a criatividade era é esse conjunto de ideias do ser social com identidade sendo construída e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da sua história, da sua cultura. E desenvolve-se por meio de conhecimentos diversificados, o ser criativo que ele é genuíno.

Vale ressaltar o planejamento de práticas de dança e capoeira com a intenção de conquistar a confiança da comunidade escolar em relação à prática da Educação Física (FERREIRA, 2000, p. 49).

Historicamente, as instituições de ensino públicas estão inseridas nas práticas tradicionalistas de educação produtiva. Dessa maneira, a Educação Física escolar tenta consolidar uma visão crítica aos comportamentos sociais, conforme o Coletivo de Autores (*apud* PIMENTEL; MORAES, 2021, p. 85), “[...] a partir da década de 80, surgem os primeiros elementos de uma crítica à sua função sócio-política conservadora dentro da escola”. Certamente, este deve ser o marco das práticas críticas nas abordagens da Educação Física escolar. Também, vale ressaltar que, historicamente, as práticas corporais receberam influências de métodos europeus vinculados às práticas morais e intelectuais dos indivíduos.

A educação contemporânea passou a ser entendida como algo essencial, de fruição, mero bem de consumo, mas algo decisivo no contexto do desenvolvimento econômico. Segundo Pimentel e Moraes (2021, p. 86), “ela passou então a ser vista como uma forma de apropriação de capital, e o homem como força de trabalho necessária para os diferentes níveis de qualificação técnica”. É um panorama que deixa de lado a socialização entre comunidade, docentes, discentes e colaboradores da escola (corpo técnico, administrativo etc.).

Já a criatividade, fundamentada neste projeto, transita, conforme Suanno (2014), na promoção de conexões entre sujeitos autores de seus próprios fluxos de ação numa reflexão acerca das funções das instituições de ensino de sujeitos com capacidade de reorganizar sua vida a qualquer momento. A proposta explanada por Maria Zita Ferreira (2000), no livro *Dança Negro, Ginga a História*, tem o objetivo de apresentar o conceito de criatividade.

A criatividade transpassa os muros da escola, por um lado a (re)organização de sentimentos, de uma melhor sintonia do mundo interior, capacidade de motivação e automotivação. Além disso, olha a escola junto com a participação da família e com a comunidade. Conforme Suanno (2014, p. 14):

Aprender criativamente possibilita ao aluno, na interação com a escola e seu planejamento, uma melhor aproximação dos conteúdos que fujam da memorização e da repetição, possibilitando uma relação crítica e contextualizada do conhecimento, o que permite buscar e reinventar a cada dia a sua autonomia e descobrir novos caminhos de interações com os outros, com a sociedade e com o meio.

Para Suanno (2014), a criatividade acontece também com associações e órgãos outros que possam compartilhar momentos dentro do interior da escola junto com o time

administrativo, o pessoal da limpeza, da cantina etc., com ações que sejam transparentes e inovadoras contextualizando com as incertezas do dia a dia, desconstruindo conhecimento para reconstruir a internalização da cultura constituída como ser humano com diferenças individuais.

Dessa forma, as correntes contra-hegemônicas no campo da Educação Física escolar interagem com a linguagem corporal. Nas palavras da professora Maria Zita Ferreira, o corpo se comunica numa linguagem além das dimensões sensoriais:

E a reflexão sobre o corpo e o movimento humano. Ele é a vida humana em movimento e vida. Então, educação Física ela tem na sua integração curricular essa formação tanto do movimento humano tratado cientificamente pelas ciências biológicas e também um corpo que é tratado nessa relação das ciências humanas, antropologia com o corpo social, política, etc. Então, nessa trama a gente vê que é preciso, com estudos, com preparação, com muita reflexão. A gente chega a analisar essa questão. Então, vou só mostrar um caminho. Por exemplo, a estrutura do trabalho corporal do negro. Ela vem de toda uma vida antropológica que isso se organiza, a cultura própria. Nessa cultura, tem todo o desenvolvimento de uma linguagem de corpo específica daquele universo negro. E essas linguagens, elas vão se conectando com outras linguagens, porque a linguagem é uma necessidade humana de comunicação. O corpo, ele se relaciona dessa forma. O corpo negro, ele se relaciona com uma linguagem própria a partir dos seus ritos, dos seus símbolos, a sua maneira de interpretar a própria história.

A escola necessita ser um espaço de diálogo, acolhedora, generosa, coletiva e com credibilidade. Segundo Nascimento (2013), com a escola se aprende a cidadania planetária, conviver na diversidade, ascender à responsabilidade humana, desenvolver o ser criativo, interligar saberes e aprender a transcender no contato com a intuição e o não racional.

Refletir a constituição do corpo junto com as palavras da professora Maria Zita Ferreira, que entende um corpo sagrado como “um corpo que eu sempre convivi em sociedade e com essa mente num corpo sagrado que eu tenho que consagrar comigo mesma pra atravessar os obstáculos”. É um corpo que contém códigos relacionados com a água, madeira, fogo, metal, ar e terra, um corpo na unidade em constituir e restabelecer a harmonia entre o corpo e as outras dimensões humanas, para que, segundo Suanno (2014), os estudantes (sujeitos de seus próprios processos) possam se tornar adultos críticos e participativos na edificação de um mundo em paz. Além disso, fomentar a autoconfiança, a capacidade reflexiva e o exercício da condição do sujeito, reconhecendo sua singularidade na construção de elementos educativos em consonância com a reivindicação de espaços de expressão crítico e criativo, liga-se às linguagens escrita, falada e corporal.

Nascimento (2013) diagrama rotas no plano de ação e questiona se as atividades corporais fazem parte do cotidiano; se a atenção é dirigida à manutenção da saúde com atividades como massagem, relaxamento, respiração. Além disso, o professor se sente motivado ou encontra resistências internas. O professor argumenta, teoricamente, sobre a importância de tal prática. No plano da emoção, a autora explana a respeito de um professor mobilizado nesse contexto, sentindo a necessidade de abordar o corpo nas atividades escolares. Somam-se a ação pedagógica e a argumentação teórica. Já no plano do pensamento, existe uma sistematização das atividades a nível didático-pedagógico, uma sistematização a nível curricular. O trabalho de corpo consegue ser diagramado no Projeto Pedagógico da escola. Verifica-se se há transposição para a ação docente. Por último, o professor se mobiliza para a prática a partir de argumentação teórica. Continuando nas palavras participativas da professora Maria Zita Ferreira:

A criatividade? Ela é o resultado desse encontro com o ser crítico, o ser subjetivo que tem seu universo próprio, familiar, sua construção familiar e de grupo. Que eu sou negra e de etnia negra, então eu preciso entender também esses valores e a criatividade era/é esse conjunto de ideias do ser social com identidade sendo construída e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da sua história, da sua cultura. E desenvolve-se por meio de conhecimentos diversificados, o ser criativo que ele é genuíno. Ele vem de um aprofundamento também como pessoa integral, o ser espiritual, o ser racional, o corpo físico e psicológico. Então, a criatividade está nesse conjunto de nossa trama.

Porém, o senso comum coloca a criatividade como um dom específico de poucos privilegiados. Segundo Suanno (2014), ela é intimidada pela ordem e disciplina de forma controlada, valorizando a obediência e o conformismo em detrimento da curiosidade ou independência. Somam-se a memorização, a repetição e o erro é visto como ato de fracasso. Dito isso, a criatividade transita na dimensão social e na dimensão ambiental procurando restabelecer laços de harmonia e tempos de paz.

6. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

O fazer decolonial representa uma motivação na busca de desaprender e reaprender conhecimento. Aprender a olhar o outro e analisar as dimensões individual, social e ambiental nos levaram a constituir uma vida de resistência, numa trajetória que foi fortificando nexos e códigos com pares. A força interior de acreditar e refletir a causa simboliza a harmonia entre a diversidade humana. Dessa maneira, abraça-se a exterioridade histórica das colônias, não como colônias, mas como culturas distintas da europeia.

As condições do fazer colonial vislumbram um horizonte de oportunidades científicas. Conforme Dussel (1985, p. 8), “apenas a análise de uma ciência não dá conta do homem, este deve ser estudado por todas elas. Ainda mais quando se trata de um homem concreto, de uma porção da humanidade: a comunidade das nações latino-americanas”. Fico imaginando a diferença de ser professor com origem na “margem de um rio” e ser um professor com origem urbana. Certamente, a influência do meio ecológico contribui com o ser professora de Maria Zita Ferreira. As forças de motivação ativas em cada ação defendem sua pele, seu espírito e seu corpo. É uma jornada de uma guerreira da luz contribuindo com a formação de futuros professores de Educação Física.

O programa de investigação representa as ligações de saberes alcançados no transcorrer do curso de Educação Física. A ligação de saberes aconteceu uns dias antes de concluir a digitação do TCC 1. No momento que realizei a leitura dos apontamentos realizados nas aulas remotas da disciplina Fundamentos Epistemológicos da Educação Física, disciplina administrada no terceiro período, lembrei da avaliação em forma de artigo na qual elaborei uma argumentação com os principais estudiosos da epistemologia, entre eles K. Popper, Thomas Kuhn, Larry Laudan, Imre Lakatos. O momento crítico foi superado no momento em que resolvi o incômodo entre hipóteses falseadoras e teoria emergente, e um sorriso definiu meu rosto. Assim, consegui diferenciar a metodologia descrita na abordagem qualitativa deste trabalho dentro do programa de investigação como ferramenta articuladora. Além disso, o programa de investigação consegue estabelecer laços com a área de Educação Física.

Já na explicação do programa de investigação se deve entender a forma elíptica proporcional de cada palavra. A forma elipse possui dois centros, quando um rádio do centro se modifica o outro centro também é influenciado. Em relação à proporção, por exemplo, a elipse abordagem e a elipse tendência são diferentes da elipse objetivo.

A fundamentação teórica de revisão sistemática como referencial teórico da técnica história de vida proporcionou-me saberes diferentes, como a pesquisa bibliográfica, (auto)bibliográfica, método exploratório, a técnica história oral, cartas, documentos; visto isso, o conhecimento da oralidade, narração, ciclo e trajetórias de vida do professor de Educação Física. Consegui diferenciar momentos históricos, trajetórias, experiência e formação docente.

Procurei, neste trabalho, caminhar junto com a sensibilidade humana, no contato pele-a-pele, nas profundezas do olhar e na sintonia de proporcionar um outro olhar que proporcionasse uma realidade manipulada dentro do racismo estrutural.

Por outro lado, a criticidade se complementa com os processos criativos que carregam a ancestralidade na essência de cada ação pedagógica. A criatividade pensada dentro das instituições de ensino, juntamente com a produção de conhecimento da Educação Física, colabora em transgredir e, dessa maneira, distanciar-se do configurado, manipulado e dirigido.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.
- ALVES, Giovanni. Trabalho, corpo e subjetividade: toyotismo e formas de precariedade no capitalismo global. **Trabalho, educação e saúde**, v. 3, p. 409-428, 2005.
- ANTUNES, Fabiana Ritter; BOLSONI, Julia; KRUG, Hugo Norberto. Histórias de vida de professoras de educação física: reflexões sobre as trajetórias formativas. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 398-418, 2013.
- AMADO, João. **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. 2. ed. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARROS, Thais Emanuelli da Silva de; BRASIL, Vinicius Zeilmann; RAMOS, Valmor; GODA, Ciro. História de vida: representações da aprendizagem profissional de professores de esportes para jovens. **Conexões**, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p. 168-192, 2013.
- BAUER, M.; JOVCHELOVITCH, S. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERNARDES, S. T. de A.; PEREIRA, E. A. A. O processo investigativo nas pesquisas acadêmicas sobre professores: algumas questões epistemológicas. In: MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira; SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de. **Epistemologia da práxis e epistemologia da prática: repercussões na produção de conhecimentos sobre professores**. Campinas: Mercado de Letras, 2019. p. 95-116. (Série Dimensões da formação humana).

BEZERRA, G. **Eu, Gregório Bezerra, Acuso!** Rio de Janeiro: s. ed., 1967.

BEZERRA, G. **Memórias.** São Paulo: Boitempo, 2011.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. 4. ed. Porto: Porto Editora, 1994.

BUENO, B. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. Epistemologia da Educação Física brasileira: (re)descrições da atividade epistemológica no século XXI. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, 2022. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100551>

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil:** a história que não se conta. São Paulo: Papirus, 1988.

CHÁRRIEZ CORDERO, Mayra. Historias de vida: Una metodología de investigación cualitativa. **Revista Griot**, Puerto Rico, v. 5, n. 1, p. 50-67, 2012.

CONNELLY, M.; CLANDININ, J. Relatos de experiência e investigación narrativa. *In:* LARROSA BONDÍA, J. **Déjame que te cuente:** ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, 1995. p. 11-59.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **O que é participação política?** 5. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

DE SOUZA, Vânia de Fátima Matias et al. HISTÓRIA DE VIDA DE ERASMO PILOTTO: PAPEL DO EDUCADOR NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESTADO DO PARANÁ-BRASIL. **Corpoconsciência**, p. 105-114, 2016.

DUSSEL, Enrique D. **Caminhos de liberação latino-americana.** Barcellos, José Carlos, Hugo Toschi São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

EZE, Emmanuel Chukwudi. A filosofia moderna ocidental e o colonialismo africano. **UNILAB**, v. 23, n. 10, 2017.

FERNANDES, F. Integridade e grandeza. *In:* BEZERRA, Gregório, editor. **Memórias.** São Paulo: Boitempo, 2011.

FERREIRA, Maria Zita. Ser negra, ser mulher, ser nordestina: afinal, como me fiz professora. **Como me fiz professora.** Rio de Janeiro: DP&A, p.43-59, 2000.

FERREIRA, Maria Zita. **Dança Negro, Ginga a História.** 2. Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

FIGUEIREDO, Z. Experiências Profissionais, Identidades e Formação Docente em Educação Física. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho, v. 23, p. 153-172, 2010.

FOLLE, A.; FARIAS, Gelcemar Oliveira; BOSCATTO, Juliano Daniel; NASCIMENTO, Juarez Oliveira. Construção da carreira docente em Educação Física: escolhas, trajetórias e perspectivas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 25-49, jan./ mar. 2009. DOI:

<https://doi.org/10.22456/1982-8918.3014>

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREITAS, S. M. de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

FRIZZO, Giovanni Felipe Ernst. Gregório Bezerra: professor de educação física, revolucionário, comunista e torturado nas duas ditaduras do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, p. 220-226, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.12.009>

GIESTA, N. C. Tomada de decisões pedagógicas no cotidiano escolar. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 8., 1996, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC/UEDESC, 1996. p.132-133.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação física progressista**. São Paulo: Loyola; 1987.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O método francês e a educação física brasileira**: da caserna à escola. 1992. 223f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 395-411, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del cárcere**. Edizione critica Dell'Istituto Gramsci di Roma (a cura de V. Gerratana. Einaudi: Torino, 1977.

GULLAR, F. História de um valente. *In*: BEZERRA, Gregório, editor. **Memórias**. São Paulo: Boitempo, 2011.

HALLAL, P. C.; MELO, V. A. de. Crescendo e enfraquecendo: um olhar sobre os rumos da Educação Física no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, p. 322-327, 2017.

HOBBSAWM, Eric. O novo século: entrevista a António Polito. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo:

JESUS, S. N. de. **Motivação e formação de professores**. Nova Era: Quarteto, 2000.

KRUG, Hugo Norberto; KRUG, Rodrigo de Rosso; CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da. Dar voz aos professores de educação física: as histórias de vida sobre os momentos significativos em relação as fases da carreira docente. **Interfaces da Educação**, Campo Grande, v. 4, n. 10, p. 109-133, 2015.

LAKATOS, Imre; WORRALL, John; CURRIE, Gregory. **La metodología de los programas de investigación científica**. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; MORAES, Claudia; ALMEIDA, Uberson; ALMEIDA, Felipe Quintão. As práticas de desinvestimento

pedagógico na Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 129-147, abr./jun. 2010. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.10495>

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**, São Paulo, n. 155, p. 191-203, 2006. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i155p191-203>

MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck. **A formação do professor e a organização social do trabalho**. Curitiba: Ed UFPR, 1997.

MORAES, Maria Cândida. Da epistemologia da complexidade à docência transdisciplinar. In: NAVAS, Juan Miguel Bataloso; MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2019. p. 135-163.

NASCIMENTO, Patrícia Limaverde. Parâmetros para análise-síntese de práticas educativas. **Resiliência, Criatividade e Inovação. Goiânia: UEG/ED. América**, p. 75-98, 2013.

NELSON, L. J.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. Formal, non formal and informal coach learning: a holistic conceptualization. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Brentwood, v. 1, p. 247-259, 2006.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p. 13-33.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Tradução: Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995. p. 100-116

O PASQUIM. **Entrevista de Gregório Bezerra**. Rio de Janeiro, n. 500, 26 de janeiro a 1 de fevereiro de 1979.

PIMENTEL, Fernanda Cruvinel; MORAES, Raquel de Almeida. As tendências ideológicas dos cursos de licenciatura em educação física na modalidade a distância. **ETD Educação Temática Digital**, v. 23, n. 1, p. 82-98, 2021.

ORDONHES, Mayara Torres; PEREIRA, Bruna Opieco; SILVA, Camila Gomes; CAPRARO, André Mendes. A construção da memória em vida: a participação do professor Germano Bayer na história da educação física paranaense. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 376-385, 2016. <http://orcid.org/0000-0001-8014-7923>

ORTIZ OCAÑA, Alexander; ARIAS LÓPEZ, María Isabel. Hacer decolonial: desobedecer a la metodología de investigación. **Hallazgos**, Bogotá, v. 16, n. 31, p. 147-166, 2019. DOI: 10.15332/s1794-3841.2019.0031.06

PARIZI, Vicente Galvão. **O livro dos Orixás: África e Brasil**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

PILOTTO, Erasmo. **Que se exalte em cada mestre um sonho**. 2. ed. Curitiba: Litero Técnica, 1973.

SANTOS, C. M. da C.; PIMENTA, C. A. de M.; NOBRE, M. R. C. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, p. 508-511, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000300023>

SANTOS, N.; BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Vida de professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 141-165, abr./jun. 2009.

SILVA, Luana Jaqueline da; FOLLE, Alexandre; FARIAS, Gelcemar Oliveira; ROSA, Alzira Isabel da. Carreira docente em educação física: história de vida de uma professora emérita. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, p. 199-214, 2022. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.66937>

SOUZA, Elizeu Clementino de. História de vida e formação de professores: um olhar sobre a singularidade das narrativas (auto)biográficas. *In*: MACEDO, Roberto Sidney (org.). **Currículo e docência: tensões contemporâneas interfaces pós-formais**. Salvador: Editora da UNEB, 2003. p. 35-56.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 1-39, jan./abr. 2006.

SOUZA, Vânia de Fátima Matias de; CASSIANO, Bruna Garcia; ANVERSA, Ana Luiza Barbosa; SOLERA, Bruna; COSTA, Luciane Cristina Soares da. História de vida de Erasmo Pilotto: papel do educador no contexto da Educação Física no Estado do Paraná-Brasil. **Corpoconsciência**, Cuiabá, p. 105-114, 2016.

SUANNO, João Henrique. O momento faz parte da minha obra: entrevista com o artista Waldomiro de Deus *In*: ZWIEREWICZ, Marlene; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; MAURA, Maria Antônia Pujol (orgs.). **Terra-pátria, cidadania planetária e subjetividade em tempos de pandemia**. Florianópolis: Editora EdUniarp, 2020. p. 125-136.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): história e historiografia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 51-75, jan./jun. 2002. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100004>

VIEIRA, Carlos Eduardo. O movimento pela escola nova no Paraná: trajetória e ideias educativas de Erasmo Pilotto. **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 53-73, 2001.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz; MOLINA NETO, Vicente; BOSSLE, Fabiano. Mudanças sociais e o trabalho docente de professores de Educação Física na escola: estudo a partir de histórias de vida. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 149-169, jan./mar. 2012.

APÊNDICE

Perguntas dirigidas:

A professora Marlini Dorneles de Lima

1. Eu conheci a professora Zita, na aula inaugural do curso de licenciatura em dança, na qual a mesma, assim como outras professoras de dança foram homenageadas, como professora Lenir Lima, e Conceição, foi nesta cerimônia que as mesmas foram homenageadas pela sua atuação na cidade de Goiânia e estado de Goiás, na docência, na dança.
2. A referência que sempre ouvi do trabalho desta professora, foi da importância da sua pessoa como uma professora negra e que atuava no ensino superior e público bem como na cena da dança que sempre precisou de ser uma forma de resistência na nossa sociedade.
3. Eu particularmente não conheci o trabalho dela, só ouvi falar, assim não tenho como responder com precisão, ou seja, relacionar com alguma tendência e ou abordagem metodológica.
4. O que me chama atenção, é o cenário da década de 70 e 80 da dança na cidade de Goiânia e a sua presença de uma mulher negra.
5. Pra mim eu já venho como uma professora de dança, mas como historicamente eu sei da intersecção da dança na área da EF, penso que pra mim a melhor definição desta área seria enquanto uma prática da cultura corporal de uma sociedade, de forma coletiva mas de forma individual.
6. Com certeza, primeiro pela importância de registrar a presença, trajeto e colaboração de uma professora como a Zita , e segunda pela importância desta metodologia, digo da produção teórica do campo história oral

A professora Luciene Ramos Silva respondeu:

1. Conheço o trabalho da professora em pesquisas que realizei sobre figuras da dança brasileira. O contato inicial e único foi através do livro “Dança negro ginga a história”.
2. Não conheço o pensamento da professora com profundidade. Por isso não tenho condições de responder.
3. Não conheço o trabalho pedagógico da professora

4. Maria Zita em sua obra dança negro ginga a história, bem como no espetáculo senzalas, dos anos 70, tem interesse em articular as propostas inventivas e as ações dos grupos negros para superação das mazelas sócio culturais e raciais. Suas investigações concretizadas em livros e espetáculo são uma maneira de agenciar a transformação.

5. Não é minha área de atuação

6. Não respondeu.

O professor Tadeu João Ribeiro Baptista respondeu:

1. O meu primeiro contato com a professora aconteceu quando comecei a ministrar aulas como professor convidado na então UCG (Universidade Católica de Goiás). Zita era professora concursada do Departamento de Educação Física e Desportos (DEFD), onde ministrava aulas de Educação Física para o curso de Educação Física, principalmente, Dança.

2. Desde que conheci Maria Zita, a professora sempre demonstrou o seu engajamento com as questões étnico raciais, principalmente em relação aos negros. Ela demonstrava no seu corpo e no seu modo de ser, os seus sentimentos, as dores e os preconceitos que este povo que foi escravizado no Brasil sofreu.

3. Sempre percebi em Maria Zita uma aproximação com o Materialismo Dialético, sobremaneira no trabalho com a dança e a capoeira. Como ela adotava a cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física, entendo que Zita se aproximava da perspectiva crítico-superadora.

4. Vou usar o capítulo de livro que esta professora escreveu para mostrar como fui levado a refletir sobre ela: Mulher, Negra e Nordestina: como me tornei professora. Penso que este título demonstra as preocupações de Zita em como ser uma Mulher (guerreira), uma Negra (que não esquece as suas origens) e Nordestina (que traz no corpo, a fome, a seca, a discriminação presente no Brasil).

5. Para mim, a Educação Física é um campo de conhecimento que trata dos diferentes elementos da cultura corporal, procurando compreender o seu desenvolvimento a partir do contexto político, social e histórico das atividades corporais.

6. Sugiro o professor Warley Carlos de Souza do curso de Educação Física da UFMT, campus Araguaia.

E gostaria de dizer para Zita:

Zita, minha amada amiga, sinto saudade de nossos abraços que colocavam a sua coluna no lugar, dos risos e sorrisos, e de todo o afeto que demonstrávamos um pelo outro. Receba o meu abraço apertado e meu beijo saudoso, direto de Natal/RN.

A resposta do professor Paulo Roberto Veloso Ventura.

1. Conheci Zita mais ao final da década de 1970, quando trabalhos juntos no Colégio Estadual Colu, no Setor Universitário, que era à época um dos 3 maiores colégios públicos de Goiânia e de Goiás. Em plena ditadura militar tínhamos um diretor delegado de polícia, pressão pura sobre professores e alunos.
2. Então, em uma escola de ensino médio muito vigiada, visada pelo sistema, nossos diálogos se davam de forma breve e com a segurança de não sermos muito percebidos, também não sabíamos à época o que realmente um ou outro fazia no processo de resistência, mas percebíamos que estávamos do mesmo lado, mas estrategicamente mantínhamos um pseudo-distanciamento.
3. Na verdade, só fui ter uma percepção mais concreta da postura docente de Zita quando nos tornamos colegas do Departamento de Educação Física da PUC, muitos anos depois, no início do Sec. XXI. Zita é uma guerreira, defende a cultura e, com veemência, a cultura afro. Seu campo pedagógico dialoga de forma prioritária com a cultura, pela qual protagoniza com maestria o campo da dança. Eu diria que ela, independente de consciência concreta disso ou não, dialoga com a antropologia cultural, que sustenta seu objeto de vida, a luta pela igualdade racial, de gênero, dentre outras. Sabe, Maria Zita teve contra si todos os predicados para não chegar a lugar nenhum, é mulher, negra, nordestina e de origem proletária. Foi a grande protagonista da virada que deu em sua vida, por se fincar em utopias que pareciam impossíveis, mas que ela trilhou os caminhos, sempre muito difíceis.
4. Veja, esta mulher com todos os predicados supra citados em seu desfavor, fez a escola básica, entrou na universidade, tornou-se mestre, criou 2 filhos por conta e risco, os quais seguiram a mãe na busca da ascensão social, sempre pelo caminho do conhecimento, simbolizado aqui como o prato de comida indispensável para suas sobrevivências. Saber sobre Zita por uma síntese super contextualizada, necessita se ler um artigo de sua orientadora de mestrado, uma estrela do campo educacional brasileiro, a Prof. Regina Leite Garcia, artigo este com o título “Currículo Emancipatório e Multiculturalismo – reflexões de viagem, *In* Tomaz Tadeu da Silva e Antônio Flávio Moreira: Territórios Conquistados – o currículo e os novos mapas políticos e culturais, 3. ed., Petrópolis, Vozes, 1999. Um dia de chuva, feriado, eu estava fazendo uma revisão de literatura para escrever alguma coisa e ao ler este livro e o artigo de Regina Garcia fiquei muito emocionado por ela contextualizar uma experiência de multiculturalismo em Londres, traz Maria Zita, sua orientanda, como referência de vida. Não tive dúvidas, comprei o livro pela internet, embrulhei com papel de presente e guardei no meu armário da PUC, esperando um dia que este presente fosse importante para minha amiga. Este dia chegou, ela após a aula para uma turma chega na sala de professores indignada porque os

alunos estavam recusando o conteúdo abordado em sua disciplina, dança é claro, o que ela interpretava como uma recusa a ela. Daí abri o armário, pedi para ela me acompanhar até a sala desta turma, entreguei o presente e perguntei se ela conhecia o livro, ao que me disse que não. Perguntei se tinha contato com sua orientadora de mestrado e a resposta foi não. Então pedi o livro, abri nas páginas que Regina Leite Garcia citava Maria Zita, fiz uma apresentação do eixo que tratava o texto e fiz a leitura da parte que ela foi homenageada por sua orientadora de mestrado, em um livro que circulou pelo Brasil e América Latina. Neste dia me senti aliviado, por ter tido a oportunidade de prestar meu reconhecimento por ela, de forma pública, embora para uma plateia pequena, mas entendo eu, a plateia certa. Tenho orgulho de ser amigo desta mulher, que me ensinou uma coisa indispensável nas relações sociais, o valor e a importância de um abraço. Leiam, quem a conhece ou quem vê o ser humano como igual, ainda que sejamos todos diferentes, vai gostar, mais que isso, vai se emocionar.

5. A EF é uma área do conhecimento científico, cuja maioria de seus integrantes, professores ou alunos, não têm noção de sua importância para o ser humano, para a vida e para o mundo. Nós que protagonizamos a EF precisamos estudar mais, muito mais, pesquisar, sistematizar e apresentar conhecimentos sobre ela, para que as pessoas saibam o seu significado e a sua importância. A EF é a Ciência com maiores possibilidades de qualificar as relações sociais, de tornar a todas e todos, sujeitos, de nos coletivizar. A EF tem como objeto de estudo o Ser Humano, como essência, a prática corporal, como identidade, a formação humana.

6. A última pergunta é mais uma colaboração no andar da senda entre sinais e encontro de pessoas que possam colaborar neste trabalho acadêmico. A Sra. orientaria uma outra pessoa que possa falar mais da professora Maria Zita Ferreira? Ou fique à vontade para escrever uma mensagem para a professora Maria Zita Ferreira.

Tem muita gente, mas a Zita é de um momento que as pessoas que viveram ao seu redor estão todas fora de ação, ou já partiram para outra. Prefiro deixar um recado para dizer que ela é única, especial, faceira, guerreira, que apesar de ser um poste, eu nutro muito amor por ela e que tenho muito orgulho de ter sido seu companheiro de labor em 2 espaços diferentes, mas iguais, em tempos históricos diferentes, mas ao mesmo tempo iguais, momentos iguais, em especial, porque ela fez parte deles.

A professora Conceição Viana de Fátima respondeu:

1. Conheci a Prof Maria Zita no curso de Educação Física, na Eseffego. Fazíamos parte do Grupo de Dança Universica, da Eseffego e depois no Grupo de dança da UFG, anos 1974 a 1977.

2 - Vivíamos um contexto que nos chamava à reflexão. Nesse caso, não foi uma pessoa, mas as condições sociais que nos levaram a refletir e agir criticamente, demonstrando isso na nossa dança.

3. Não tive contato com o trabalho da Prof Zita, pois saí de Goiânia e só voltei em 1994.

4. Educação Física é a área de conhecimento que trata da Cultura Corporal de Movimento, construída historicamente pela humanidade.

A resposta da professora Rosirene Campelo dos Santos

1. Meu primeiro contato com a professora Zita foi em uma oficina, eu cursada o curso de Educação Física na FEFD/UFG. E a oficina fazia parte de um evento.

2. Sim, pois a presença da professora Zita já é um movimento de resistência, de fala e empoderamento para as mulheres negras como eu. Ela, traz a representação de um povo e a potência do corpo negro, da dança, da ancestralidade e isso nos possibilitar criar uma identidade.

3. Olha, diante dos estudos que fui desenvolvendo a respeito da dança e das questões sobre bailarinas e estudiosas negras minha resposta é sim. O livro da professora Zita acredito ser a principal referencia sobre isso pois, ela traz uma abordagem lúdica, crítica de pensar a dança, o corpo e a própria educação. Apontando para uma abordagem contra hegemônica e decolonial. Ou seja, uma mulher negra a frente de seu tempo.

4. Primeiro por ela ser uma mulher negra, que representa uma parcela mínima de negros ocupando espaço na universidade e segundo por ela realizar um trabalho importante e potente a respeito do ensino da dança, comprometido com a formação humana e as danças de matriz afro-brasileira.

5. Compreendo a Educação Física, como sendo uma área multidisciplinar devido a sua abrangência, que compõem as diferentes áreas e saberes. Multidisciplinar porque dialoga com a educação/escola via elementos da cultura corporal, saúde, lazer, atividade física....

6. Indicaria a professora Conceição Viana e a Lenir Miguel.

Mensagem professora Zita: você é uma grande referência para a cultura afro-brasileira, dança e nossa ancestralidade. Sua presença nos empodera, nos representa na dança e na sociedade.

Entrevista com a professora Maria Zita Ferreira, primeira parte.

Orador 2 Preciso me identificar?

Pois bem, hoje é dia 8 de maio de 2023 e estamos com professora Maria Rita Ferreira e Maria Zita Ferreira. Vou te fazer oito perguntas e a primeira é: para você o que é ser crítico?

Orador 1 Posso colocar o nome da professora?

Ser crítico é um processo de crescimento pessoal que, à medida que o ser humano vai se relacionando como um ser social. Estudos, formação, família. Ele vai agregando valor. E também a partir do lugar cultural que ele pertence. Tudo isso vai formando um ser crítico a partir da organização pessoal da própria identidade. Para uma visão mais macro de sociedade, então, ser crítico é poder situar o pensamento e desenvolver uma consciência de si próprio e do outro e visar à coletividade com essa maneira de proceder no mundo como ser crítico. O engrandecimento da coletividade também é um ser crítico.

Orador 2

Para você. O que é a criatividade?

Orador 1

A criatividade? Ela é o resultado desse encontro com o ser crítico, o ser subjetivo que tem seu universo próprio, familiar, sua construção familiar e de grupo. Que eu sou negra e de etnia negra, então eu preciso entender também esses valores e a criatividade era/é esse conjunto de ideias do ser social com identidade sendo construída e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da sua história, da sua cultura. E desenvolve-se por meio de conhecimentos diversificados, o ser criativo que ele é genuíno. Ele vem de um aprofundamento também como pessoa integral, o ser espiritual, o ser racional, o corpo físico e psicológico. Então, a criatividade está nesse conjunto de nossa trama.

Orador 2

Professora, como enxerga a questão da autonomia intelectual?

Orador 1

Essa autonomia intelectual, se for partindo da relação com a sociedade em que se vive. Na verdade, a gente vive numa sociedade determinada por um sistema, que é o capitalismo e eu não posso negar essa relação do ser humano; ele é intelectual, mas ele também pertence a uma sociedade que determina as condições humanas de sobrevivência. Então, nós vivemos em

sociedade que divide o ser humano em classes sociais e outras exclusões, como também a estrutura do racismo, o racismo estrutural. E eu, como uma mulher negra, não poderia deixar de citar essa categoria para o desenvolvimento de um trabalho intelectual com pertencimento na história, na cultura e no mundo das artes, da religião, etc. Portanto, ser intelectual é se preparar para a vida com essas várias dimensões.

Orador 2

Professora, como você vê hoje a formação de professores de educação Física?

Orador 1

Essa pergunta é também muito complexa, mas eu vou fazer um recorte e situar essa formação do professor de Educação Física no meu pertencimento de formação, que é escola, escola de formação, de professores de humanidades. São várias escolas aí, tanto na filosofia da educação quanto na história da educação física, até as tendências pedagógica que se situa mais ou menos como eu vou tratar essa questão da Educação Física? Bem, então ela tem para mim, duas vertentes já bem claras, que é a das ciências biológicas e também das ciências humanas. Então estão aí se encontrando. E como que vai ser o desenvolvimento dessa parte? Eu creio que a partir do momento que se reconhece o valor da formação de professores de humanidades, as ciências da parte científica, ela vai agregar valores com essa formação humana, se dissociando, eu não sei qual caminho vai seguir. No momento.

Orador 2

Professora, consegue fazer alguma reflexão sobre o corpo negro na Educação Física.

Orador 1

E a reflexão sobre o corpo e o movimento humano. Ele é a vida humana em movimento e vida. Então, educação Física ela tem na sua integração curricular essa formação tanto do movimento humano tratado cientificamente pelas ciências Biológicas e também um corpo que é tratado nessa relação das ciências humanas, antropologia com o corpo social, política, etc. Então, nessa trama a gente vê que é preciso, com estudos, com preparação, com muita reflexão. A gente chega a analisar essa questão. Então vou só mostrar um caminho. Por exemplo, a estrutura do trabalho corporal do negro. Ela vem de toda uma vida antropológica que isso se organiza, a cultura própria. Nessa cultura, tem todo o desenvolvimento de uma linguagem de corpo específica daquele universo negro. E essas linguagens, elas vão se

conectando com outras linguagens, porque a linguagem é uma necessidade humana de comunicação. O corpo, ele se relaciona dessa forma. O corpo negro, ele se relaciona com uma linguagem própria a partir dos seus ritos, dos seus símbolos, a sua maneira de interpretar a própria história.

E como no Brasil, vou coloca o Brasil, se consegue ver a linguagem corporal da etnia negra, com símbolos, ritos e códigos. Tudo naquele corpo, todo é expressividade do corpo negro tem uma linguagem interligando o caminho África-Brasil, Brasil-África. Não tem como, mesmo que o brasileiro não tenha passado pela escola formal, ele tem esse caminho de ir e vir com esse direito de dizer que tem uma propriedade da sua própria linguagem, por meio das nossas culturas tanto religiosas, que o candomblé ele assenta uma toda uma cultura, uma linguagem do corpo muito própria, da sua matriz africana afro-brasileira, aí vem os batuques, que é uma tradução do olhar europeu. Mas o batuque para nós significa a força da terra ancestral. E a música, os sons do atabaque constitui se o que? Uma maneira de sentir a espiritualidade África afro-brasileiro. Então, é um pertencimento que, já que chegou para nós, uma condição adversa, mas chegou. E o brasileiro realmente recebeu a sua estrutura de linguagem corporal. E aí o domínio dos esportes, de performances corporais; vamos trazer a Educação Física que o núcleo dela seria: os esportes individuais e coletivos nesse núcleo, que traduz toda uma camada de formação de conhecimento do corpo em movimento. Então, a participação negra tanto na Educação Física quanto numa educação dos esportes espetaculares, promovida por essa base, por esse núcleo de cultura corporal, são culturas que a coletiva de autores traz muito bem sinalizada para que a gente pense Educação Física com outro formato, com outro modelo, e o respeito à diversidade cultural do país. Então, é assim que eu compreendo e que acompanhei e sei que é muito sério essa relação da cultura corporal na Educação Física. A divisão dos esportes individuais e coletivos é uma metodologia muito propícia e essencial para essas mudanças. Então, é mais ou menos assim que eu compreendo. É uma discussão profunda, porque entra a motricidade humana e entra várias escolas, mas a gente já tem ali uma escrita metodológica sobre esse caminho e a diversidade das etnias que estão aí, o mundo africano afro-brasileiro no Brasil, o mundo indígena se consolidando agora no mundo da mídia. E tem todo uma relação com o conhecimento do europeu, que é um padrão da escola formal do Brasil.

Orador 2

Professora. Como enxerga a função social da Educação Física atualmente?

Orador 1

A função social. Ela é uma característica da Educação Física, a medida que Paulo Marcelino ele traduz que o objetivo maior da Educação Física é a alegria. Então, a alegria do encontro, a alegria de estar convivendo com a diversidade humana sem excluir, sem discriminar. Então, a Educação Física, ela tem essa possibilidade de fazer essa reunião socializadora por meio dessa prática, dessa reflexão da Educação Física como conhecimento. Como cultura. Como arte. Como educação. Como performance. Então, é um universo que é muito importante, a gente compreender que levantamento de bibliografias é todo um eixo temático que está surgindo por meio de artigos de teses ligado à Educação Física fortalece na sua prática e instaura a filosofia da práxis. Ela é muito importante para que o professor de educação Física tenha como uma lição básica e estrutural, porque Moacir Gadoti quando ele coloca uma discussão sobre Paulo Freire; essa questão da palavra inteira. O corpo inteiro é preciso a gente entender quando vem essas reflexões. O corpo inteiro está reunido. Tanto trabalho intelectual, a persistência intelectual, a motivação e a criatividade. Elas não se dissociam na Educação Física, ela persiste nessa consistência, em sua práxis, em sua prática inovadora e promove a criatividade. Essa discussão ela é muito profunda. Ela tem realmente essa dialética de conhecer. Por quê? Porque desde os nossos antepassados que o conhecimento vem se promovendo e agregando valores humanos em cada cultura, em cada nação. Então, quando a gente fala a dialética do conhecimento, é preciso entender que a prática da vida, o caminho da existência humana, tem essa relação. Do velho e do novo. Mas no sentido de estar confirmando a existência humana. A gente não pode pensar no corpo, nessa mecânica que está acontecendo atualmente. Só mecânica corporal, só a estrutura física. Tem tudo uma relação com a Arte, com a Música. Tem relação com a poesia. Para se trabalhar o movimento humano é preciso ter uma inteireza profunda do que vai levar o indivíduo fabril para aquela compreensão do que é o ser humano e como ele veio caminhando até constituir sociedades. Então, o ser humano não é vazio da sua história. A história que vai favorecer para o jovem hoje essa compreensão filosófica do mundo ou a compreensão dos antepassados que nós respeitamos como mulher negra, que é a questão da nossa ancestralidade, os nossos antepassados nos fortalecendo até hoje para não perder a memória e o respeito aos mais velhos, o que nos oferece para garantir a nossa existência como seres criativos. É por isso que eu repito sempre que a criatividade humana, ela é uma necessidade de sobreviver no humano, porque as máquinas estão aí o tempo inteiro tomando conta e a gente vai encostando, é o computador, o WhatsApp, tudo bem.. Mas é preciso compreender o que nós temos de maior fundamento para a vida. Para que a mente ela fique mais sábia e mais inteligente. Pelo que fez ou. Falando muito? Porque uma pergunta

dessas. Elas são perguntas epistemológicas, de matriz é de raiz. Então a gente se emociona. Só isso.

Orador 2

Professora, se pudesse deixar uma mensagem aos professores de Educação Física em formação, qual seria?

Orador 1

Aproveitar a beleza, a juventude que a estética do movimento humano ela é bela. Mas, a estética, ela é a ciência que estuda a beleza humana da alma humana. Então não fica preso só o corpo físico, mas compreender que ter essa linguagem estética como nosso profissionalismo e ao mesmo tempo tem todo um ideário de compreender o movimento, interligando as culturas de povos e saber respeitá-las. E quando for agregar valores, não negar as origens dos conhecimentos que ali estão sendo promovidos em atividades de Educação Física; a atividade ela é fruto de uma pesquisa anterior sobre a história humana, os valores humanos. Então, que os jovens, hoje, eles têm muito poder, porque tem uma mídia muito importante, a comunicação está aí o centro do debate, do mundo e nos envolvendo no mundo. Mas é preciso cuidar de si próprio, de toda uma consistência pessoal, a personalidade, a subjetividade humana e a identidade própria, os seus ideários e ao mesmo tempo estar ali, se preparando para profissionalmente, estar no mercado de trabalho, que aí não tem manipulação, não tem segregação racial, discriminação. A gente recebe o ser humano como um todo. Então, os profissionais de Educação Física hoje também tenham essa ética profissional de cuidar dessa relação humana, desse valor primordial que é a comunicação e se desenvolver com aprofundamento científicos, aí fica tudo muito bom. Vou falar algo assim, mas fica longe da Educação Física. Que eu gosto de refletir jogar para o tal da física. Por isso, eu gosto muito, dessa fala, da divisão cartesiana do ser, cinco século depois de Cristo. Os cristianismos, já dividia o ser humano em mente, espírito, corpo, tudo retalhado, tudo separado. Até a cor, a cor do tecido da roupa já era proibida na época que suscitava a cor da carne. Então ele diz: qualquer caminho é apenas um caminho (isso é para os jovens) qualquer caminho é apenas um caminho. Não constitui insulto algum, nem para si mesmo, nem para os outros. Abandona-o quando assim ordenar o seu coração. Tente-o tantas vezes quantas forem necessárias. Aí pergunte a si mesmo, apenas a si mesmo, tem esse caminho no coração? Se tiver, continua! Se não tiver, não tem importância alguma. O tal da física. Uma reflexão. Que ele trabalha também com a visão ecológica. Um grande estudioso da física faz isso. Então, eu

gosto muito de estudo, não gosto separar estudo, que é bom para os pretos, estudos para os brancos. Estudo para os índios. Ora, o conhecimento é patrimônio da humanidade. Tem que ser respeitado e assimilado da melhor forma possível por todas as culturas. Aí sim, é um mundo melhor.

Orador 2

Falta a última questão. E antes eu queria só tirar duas dúvidas. Quando se conversa sobre ou ser crítico. Como esse ser crítico funciona dentro de uma instituição de ensino, especificamente na Educação Física escolar?

Vale acrescentar que antes de responder a professora, mudou de aparência, se sentiu desconfortável, o rosto com os músculos contraídos; aqui a professora recua da cadeira, se distância da mesa. Abre os braços e os deixa cair em um movimento de exaustão. Após a gravação ela comenta que essa discussão ocasionou um desgaste significativo nas relações intrapessoal na universidade.

Orador 1

Pergunta que pra mim é muito difícil responder. A Educação Física, ela vem num processo histórico, ela vem agregando valores enquanto a Educação. E é recente. Tanto é que nós temos já analisado, discutido e com teses sobre as tendências pedagógicas de uma maneira de pensar a Educação Física, interpreta-a e trazer a questão do condicionamento físico e da Educação Física e a apropriação também que a sociedade tem desvinculando o poder de quem se formou, de quem estuda e se prepara para tal finalidade profissional. Então, tudo isso também se constitui uma nova etapa de discutir em projetos de final de cursos os TCC, as monografias.

Quer dizer, são caminhos que estão sendo trabalhados, analisado e defendidos na formação, na finalização de um curso de graduação (tanto bacharelado como licenciatura) e o universitário acadêmico ele já abre possibilidades com diversos temas muito relevantes para a Educação Física, para o Esporte Espetacular já tem desmembramentos aí e a Educação Física nas academias.

Então, são vertentes que já se abrem e que está tendo trabalhos científicos sendo discutido nessas linhas. E a Educação Física, também ligada à Educação Física escolar. Que já não é mais um lugar de sedução para os jovens. Já é cansativo refletir e dialogar e sem a reflexão o diálogo não tem participação. Sem participação não há reciprocidade e sem

reciprocidade não existe a ética profissional, não existe o conceito de educação em mudanças que o próprio Paulo Freire nos oferece. É mais ou menos assim.

Orador 2

É possível a criatividade dentro da Educação Física escolar?

Orador 1

É possível porque a Educação Física escolar é o mesmo que na formação dos professores que estão fazendo a sala de aula acontecer. É possível sim a criatividade à medida que ele trabalhe e que a professora, o professor trabalhe na sua formação pedagógica, a reciprocidade no trabalho e o respeito à autonomia da criança e do jovem em formação, porque somente assim a criatividade ela vai ter vida própria. Ela não é conduzida por outro, que se não vai formando um ser humano desde a sua infância heterônomo, algo que vem de fora para dentro, o conhecimento não se liberta, ele fica sempre governado pelos outros. E na sociedade, A gente precisa de seres autônomos, porque é ali dentro que está a criação da pessoa que está no vô da pessoa. O encorajamento das pessoas em romper qualquer situação de escravidão. É assim que o compreendo.

Orador 2

A última pergunta, é há algum tema que não foi abordado, que a senhora gostaria refletir nas questões.

Orador 1

Eu vi, por exemplo, nas questões que falta algo que encaminhe com maior consistência o debate sobre educação étnico-racial nas escolas, desde o pré até as universidades, que é a proposta da Lei 10.639/2003, promulgada pelo presidente atual. Mas ele era o presidente na época, Luiz Inácio Lula da Silva. Então, essa lei ela coloca em pauta a obrigatoriedade é uma lei que nos currículos escolares, até as universidades que conste a educação por meio do conhecimento africano, afro-brasileiro, indígena, das etnias, que consagra o Brasil como uma potência de produção econômica, política, cultural, religiosa, artística, alimentar e assim por diante. Então, o Brasil tem identidade própria. É preciso que o conhecimento formal ancore melhor como epistemologia para o futuro dos jovens.

Entrevista com a professora Maria Zita Ferreira, primeira parte.

8 de mai. 10.02_ Maria Zita Ferreira segunda parte.docx

Orador 1 (00:14)

Como você gosta de ser chamada?

Orador 1 (00:15)

A Sociedade me chama de Zita. Gosto desse nome, minha mãe colocou lá do Piauí, na década de 50, como é que um nome desse é um nome italiano? É um nome italiano, o padre Francisco Glori, que eu fiz um trabalho com ele artístico, sobre os 500 anos no Brasil, lá em Altamira do Xingu, ele dizia "estáísico", quando a gente está calmo, refletindo a vida. Minha mãe colocou.

[00:00:47.850] - Orador 2

Quando tem um nome quando alguém pronuncia e você se sente mais alegre. Qual seria?

[00:01:02.960] - Orador 2

Zita. Zita? É. Zita, eu vou te fazer uma pergunta agora.

[00:01:10.190] - Orador 1

Eu gosto dos três nomes que eu tenho. Eu gosto de Maria, eu gosto de Zita e gosto de Ferreira. Ainda gosto de um quarto nome que meu pai não deu para as filhas mulheres, no registro. Cristalina. Aí fechava todo um fundamento de vida que eu venho percorrendo, buscando a minha própria integridade moral e espiritual na sociedade. Aí fechava. Mas ele é Luiz Cristalino Pereira. Aí ele só registrou o nome Cristalino nos três filhos homens. As sete mulheres, ele não registrou com o nome de Cristalino. Cada época, na época antiga os homens praticamente só queriam filhos homens. Não estou falando mal de meu pai.

[00:02:14.920] - Orador 2

Se você tivesse o poder de uma varinha mágica, imagina você tem uma varinha mágica, e nessa varinha mágica você colocaria três coisas na humanidade, quais seriam? Você não pode responder agora não. Aí você depois responde. Eu vou te fazer mais uma pergunta aqui. Quem você é?

[00:02:43.520] - Orador 1

Eu sou Zita. Maria Zita Ferreira, sobrenome do meu pai, que ele não deu Cristalina, que tenho o direito. E eu ainda tenho meus sobrenomes já no caminho do candomblé, que eu fui me

buscar. Eu ainda tenho mais três nomes. Que aí são passagens de cada etapa que eu convivo nas minhas funções lá.

[00:03:16.040] - Orador 2

E como que está constituída a Zita?

[00:03:25.670] - Orador 2

Constituída? Formada. Ah, Zita, constituída.

[00:03:33.010] - Orador 1

[comment: Lazer] Olha, eu me vejo ainda como uma trabalhadora braçal duramente explorada em linhas gerais. É dramático, mas por outro lado, como a gente vive num capitalismo selvagem, então eu assinei contratos de trabalho, concursos e tal, então a escravidão voluntária aí, mas eu já quero ver se eu consigo já me libertar por tempo de trabalho. E a vida pessoal, familiar, tudo é muito trabalho, porque eu sou de família etnicamente colocada no mercado de trabalho, nessa condição de subalternidade. Então tudo que se faz, o valor econômico não vem na frente para negociar. Entendeu? Então, tudo que se faz, ele fica diluído no senso comum. Vamos dizer assim, que eu sou uma pessoa que tem um estudo, então o senso comum dilui também essa possibilidade de uma ascensão até para ter um conforto pessoal nesse mundo de hoje com 71 anos de trabalhar, de lutar, de me desenvolver também como cidadã e como movimentos negros, movimentos sociais, políticos, etc. E mãe. Ou seja, eu sou uma trabalhadora extremamente ainda buscando um pouco de equilíbrio. No lazer, um conceito de se descansar pelo trabalho, né? Ter aquele momento, por exemplo, você estava promovendo o yoga para as pessoas, para os cidadãos. Ah, quisera eu poder estar fazendo essas coisas gostosas que eu amo tanto, né? Ter horários para mim, para ir para o cinema, para ir ao teatro, sabe? E ao mesmo tempo trabalhar, capinar. Isso tem literaturas, tem biografias importantes. O Mário Alighieri, Anaconda, o homem bilateral que ele fala essa possibilidade. Ao mesmo tempo que eu estou trabalhando o trabalho intelectual, eu deixo, vou trabalhar capinar, eu vou tocar piano, tocar instrumentos musicais, tocar meu atabaque, meu berimbau, tocar violino, ler livros, me relacionar com outros países. Quer dizer, ainda está faltando muito. A sociedade está devendo a nossa identidade, muito. Porque só retira da gente e não acrescenta. Você, quando eu cheguei aqui, você preparou uma mesa linda para me receber, com frutas, até chocolate, água. Então, esse é um bom caminho, é um

ótimo caminho para se receber nossos professores, viu? Com essa amabilidade, muito agradecida.

[00:07:18.580] - Orador 2

Zita, o que é a resiliência para você?

[00:07:30.100] - Orador 1

Eu vou falar relacionada ao senso comum, porque ela a resiliência é uma categoria de análises da psicologia. Mas na prática, ela, como eu compreendo na convivência com outras pessoas, outras personalidades e pessoas simples como eu, né? Num meio aristocrático que é a sala dos professores de universidades. Então eu vejo que a resiliência, ela vem como uma substância para que o ponto em que você falou "eu", o que para mim? O ponto em que a pessoa é pensar que ele compreenda que o passo seguinte no ambiente de trabalho, da família, da religião, etc. Que aquele caminho ali é cercado de diversidades, de maneira de interpretar a vida humana e do outro. O ser humano fica o tempo inteiro sob o julgo do olhar do outro, do de fora. Então é preciso a gente ter muita, vamos dizer, sabedoria e eu digo que os meus orixás, sabedoria Orixá, para a gente compreender que é preciso entender que o silêncio, ele é música, é poesia, é ensinamento. Então ele dá consistência muitas vezes para que a gente possa esperar o passo seguinte para absorver aquilo que foi colocado socialmente ou de forma de brincadeiras e a gente vai compreendendo aos poucos onde é que está aquela palavra que não pude me desenvolver naquele momento. Mas ela vai para a minha reflexão e eu trago para mim, para a minha família e para todos os lugares que eu vou ter pertencimento. Ela vai junto, aquelas sabedorias que cada um me oferece. Então isso aí é um poder orixá, para nós. É um poder de compreender que o tempo ele tem o seu tempo da gente se aprimorar. Não é da gente. É muito profundo isso aí. Então, pra gente não misturar resiliência com submissão. Então, nós temos todo um poder de origem, de cultura própria assimilada para poder lidar numa sociedade com toda a sua discriminação, com toda a sua estrutura racista e discriminatória, ter um poder de transformar o meu eu próprio e ainda contribuir com a sociedade diversa. Não ficar doente, não tomar medicamento porque se perturbou. Não, foi algo de fora e que você precisa, pela inteligência integral, compreender que precisa refletir. Então o ser humano é integral, ele é um ser humano. "Ah, diz que ele é esse, que é esse." Não, é porque o ser humano não é só um corpo físico. É um corpo físico, espiritual. É um corpo criador, um corpo que reza, que olha para o céu e diz "ó, estou sendo vista, estou sendo cuidada". Quando na Terra está

desequilibrando, nas ações humanas o meu eu pessoal. Vamos ver. Joga os búzios na mesa. Aí você vê que você tem verdade própria.

[00:12:04.130] - Orador 2

Cita, você já usou drogas, usa álcool?

[00:12:29.160] - Orador 1

Como eu falei pra você, eu sempre me tratei com a maior devoção com o meu corpo. É um corpo que eu sempre convivi em sociedade e com essa mente num corpo sagrado que eu tenho que consagrar comigo mesma pra poder atravessar os obstáculos. Dessa forma, eu escolhi um caminho que foi do estudo e do trabalho e da relação com o cuidado familiar. Nesse sentido, eu não escolhi outros mundos para viver, como por exemplo o mundo das drogas, o mundo do álcool, fumos, drogas de qualquer categoria, esses universos aí eu não percorri e nunca me interessei de percorrer. Não é discriminando, mas é dizendo como eu escolhi um caminho que eu pudesse me identificar comigo mesma a cada passo dado, até hoje. Então, eu não tomo, inclusive eu não trato da minha ciência com essa relação farmacológica. Tenho muito cuidado com a minha saúde, mas no sentido de estar vendo o que que meu corpo, o que que eu estou recebendo de fora do meu dia a dia com a sociedade, com as relações de trabalho, de tudo. Todas convivências, as minhas necessidades e o mundo externo, como é que eu vou viver com ele de forma concreta, sem colocar nenhuma substância química no meu corpo? Agora, quando, por exemplo, eu fico doente, que o médico passa um medicamento, aí aquilo ali eu sigo a risca. Eu sigo à risca aquele medicamento. Então é uma questão mais ampla.

[00:15:06.840] - Orador 2

Maria Zita Ferreira Cristalino.

[00:15:08.860] - Orador 1

Nunca bebi também, eu não gosto de bebida.

[00:15:14.410] - Orador 2

Maria Zita Ferreira Cristalino.

[00:15:17.700] - Orador 1

Você já colocou o nome? Isso aqui eu não posso falar oficialmente, o Cristalino. Meu pai não registrou a gente, eu já falei. Não pode isso aqui. Eu sou Maria Zita Ferreira.

[00:15:32.590] - Orador 2

Como que está a sua saúde mental?

[00:15:36.140] - Orador 1

A saúde mental, hoje, no mundo de hoje, a gente... Quer dizer, eu cresci... Aí não sei bem, hoje, como é que está a minha saúde mental. Porque eu estou com 71 anos, em lutas radicais, muitos sofrimentos, muitas perturbações, mas eu continuo comigo mesma, continuo na convivência, na família, qualquer convite social das minhas amizades, é um aniversário, é um festejo, eu procuro estar ali, participante, atos também políticos, quando eu posso, nesse momento atual. Aí eu vou, porque eu tenho uma consciência de consagração com o Movimento Negro Unificado. Tem ícones lá dentro que são pessoas da minha mais alta soberania que eu as consagro com muita luta, com muita dedicação e eu sou desse tipo também, dedicada e que posso cuidar. Hoje eu estou mais ligada à família que vivenciamos, então nós estamos agora cuidando desse laço familiar.

[00:17:11.550] - Orador 2

Agora vamos conversar um pouquinho sobre a arte. A música, como entra a música em você?

[00:17:20.340] - Orador 1

[comment: O lazer dialoga com essas atitudes?] Eu amo a música, eu sou uma pessoa que sou dançante. Eu sempre gostei muito da métrica, da batida, dos compassos. Eu amo estudar sobre música, mas nunca fiz curso, assim, formal de música. Por que? Que você pode me perguntar. No nosso percurso familiar de formação, a gente não tinha meios para para subsidiar essa parte. Minha mãe gostava muito de estudos. E o lugar que a gente morava era no Piauí. E morava na beira de um rio. Então nós fomos crescendo assim. Mas eu amava a cultura popular brasileira. O Boi Bumbá, eu amava as pastorinhas, os cantos. Eu amava profundamente quando a criança que saia naquele cortejo. E é isso. Eu sempre amei a batida dos tambores, a percussão. Mas era uma coisa que eu chegava a chorar. Eu estava com nove anos na beira do rio. Aqui é o rio Parnaíba e divide o Piauí e o Maranhão do outro lado. Então eu escutava, por ali eu chegava a chorar. Aí fui vendo que eu estava já recebendo até chegar hoje ao Candomblé. É muito significativo. E a música pra mim é isso. É um estímulo, ela é

sentimentos que eu creio que devem ser da minha origem, porque o povo negro, seja ele afro brasileiro, como afro americano, afro jamaicano, etc. São musicais da mais alta categoria. Então, eu sempre gostei muito de música. Sempre ouvi música, eu gosto de escutar, eu gosto de sentir e de dançar, aquele tipo de música. Eu gosto muito das músicas populares brasileiras, aqueles ícones nossos, como o Chico Buarque de Holanda foi da minha geração, as músicas do Caetano Veloso, da Gal Costa, do Gilberto Gil, do Milton Nascimento, tudo isso aqui foram acervos que eu trabalhava em aula com dança. E essas letras, essas músicas me inspiravam a minha criatividade, do gesto, do respeito ao lugar de cada um, na hora que iria fazer o movimento estético que eu como professora, oferecia. E também eu gosto muito dos afoxés, do samba. E gosto muito das rezas do Candomblé. Acho que isso é uma coisa maravilhosa que sempre me faz chorar. Tão belas que são. Lindos. Ó cultura, maravilhosa. Então, é mais ou menos assim. E eu sempre amei também música clássica. Eu sei os instrumentos, quando eu fico ouvindo e agora a gente pode assistir na televisão. Aí eu procuro decifrar cada instrumento. Ah, mas eu gosto. Eu gosto muito da arte de um modo geral, das esculturas, eu gosto da arte de jardinagem. Como eu amo essa parte eu não sei falar direito, mas eu amo assistir sobre jardins. Ah, mas é lindo! Ou seja, outros universos que eu não percorri ainda, né?

[00:22:06.900] - Orador 2

E a dança?

[00:22:09.000] - Orador 1

[comment: Ancestralidade] [comment: Origem e memória] A dança é essa relação com a música, né? Ela me traz a alegria de viver. A dança, ela me traz o encontro comigo mesmo, com a minha identidade, com a maneira que eu interpreto o movimento humano. O movimento humano, pra mim, hoje, eu não sou mais analfabeta do meu movimento humano. Ele tem um lugar de origem, ele tem uma direção, ele tem propósitos, ele tem resistência e ele tem inovações. Tudo isso é patrimônio. A gente vai retirando uma gotinha quando a sociedade (a gente vê que) está ali convocando com honestidade sobre a nossa cultura. Senão, pra mim não tem interesse de ficar demonstrando mais. Pra mim já tá bom e eu vou seguir compreendendo que ela é um lugar no mundo que restaura a gente. Como eu te falei, a música, a dança, pra mim elas são indissociáveis na estrutura de conhecimento, seja eu técnico, científico, seja ele na emoção. Eu compreendo assim. Mas é uma compreensão que eu tô falando. Eu não tenho aquele estudo de aprofundamento em escola de música, em escola

de belas artes, de arte. Mas eu amo também assistir desfiles de moda, porque minha mãe era costureira, eu sei o nome de muitos tecidos, de rendas. Tudo isso é aprendido. Aí eu trago uma questão. Como é que falam, que muitas vezes falam de pessoas tão sábias, como não passou pela universidade, pela escola formal, aí simplesmente falam que é analfabeta, com tanta propriedade de saberes. Entendeu? Então, quer dizer, é uma outra parte que eu não estou mexendo, que é o encontro com a minha origem. Mas já tenho esse caminho aí de memória. De memória, de limpeza na minha memória. De condicionamentos sociais, de olhar social na minha convivência. Estados, países, etc.

[00:25:29.920] - Orador 2

E o teatro?

[00:25:34.610] - Orador 1

Teatro eu nunca participei. Eu participei, assim, mas como atividades de formação. Como eu também trabalhei na companhia de dança, que é até da ESEFFEGO, com a professora Leni Lima. Ela era diretora da companhia de dança daqui da Federal. Então, ela tinha essa preocupação de trabalhar contextualizando, com estudos, com música, com poesia, com teatro. E o teatro, nós tivemos vários encontros com o Hugo Zorzetti, era o mais famoso nosso aqui na época. O Hugo Zorzetti e Carlos Fernando Magalhães. Eles são ícones. E todos os membros que fizeram teatro na companhia deleS, o Hugo Zorzetti e o Carlos Fernando, hoje tem destaque na televisão. Muito bom. Tem um que se chama Guttschalk, ele está na Rede Globo. Era discípulo do Húgo Zorzetti. Então, eu tive essa confiança profunda com eles, porque a Leninha, ela fazia esse relacionamento com o mundo das artes e a gente chegou até a viajar juntos em apresentações. Ela era muito didática, ela tinha a preocupação com estudo. Uma companhia muito bem formada, professores daqui hoje, a professora Jandernaide, professora Conceição Viana, a Sãozinha, tudo era da companhia dela. Regina, irmã de Brito, pessoas fabulosas.

[00:27:40.390] - Orador 2

E o cinema? Faz tempo que você não vai?

[00:27:47.280] - Orador 1

Vai, vai contigo? Faz tempo. Eu amo cinema. Quando eu era jovem, o que eu mais gostava era de cinema e gostava também de música, de sanfona, do meu lugar permitido. Aí eu gostava de

sanfona, pandeiro, amava. Aí tinha as matines lá no Piauí e eu ia pra dançar os forrós. Maravilhosos, lindo! Foi minha juventude foi cercada desses talentos profundos. Muito talento lá no Piauí, nessa linha, viu? Cultural. Então eu gostava muito de toque de sanfona, de violão. Meu Deus, as serenatas, coisas mais lindas. Então, quer dizer, o meu nível cultural para minha época era muito alto, muito importante para um olhar de uma pessoa tão simples, humilde, minha família, mas muito bem organizada. Minha mãe era costureira, e meu pai era funcionário público dos correios e telégrafos, corretor de malas. Então, a gente tinha uma educação muito familiar, muito organizada dentro de casa. Tinha tempo pra tudo. Eu era... Eu sei bordar, sei bordar a máquina. Tudo ocupando a mente da gente, né?

[00:29:45.160] - Orador 2

O que é o espírito para você?

[00:29:59.750] - Orador 1

O espírito sou eu mesma. O espírito é uma mente superior que a gente é normalmente no dia. Como se fosse... algo superior dentro da gente. É a inovação, é a transformação, é luz, é vitória. Você vê o tempo inteiro que você pode ir e pode não ir. Você pode fazer um passo, hoje e ao mesmo tempo já o deixa quando é preciso. Aí os espíritos vão ajudando a gente. Eu sempre convivi com os espíritos. Espírito de Caboclos, espírito do Rio, assim, a convivência mesmo com eles. Tinha gente que recebe espíritos. Sempre convivi, desde criança. A gente vivia no mato da beira do Rio e sempre tem essas suas sapatinhas. Aí eu compreendia.

[00:31:13.970] - Orador 2

E o sexo?

[00:31:16.200] - Orador 1

[comment: ser professora] O sexo é maravilhoso. Eu sempre achei que eu poderia encontrar um ótimo casamento. Porque minha mãe, ela criou a gente, eram sete filhas e mulheres, para o casamento. Então, essa preparação para o casamento, eu tinha, assim, a maior vontade de encontrar o meu casamento. E aos poucos eu ia crescer. Eu fui compreendendo que casamento não estava ligado ao ideário das meninas. Estava ligado a bens, à sociedade, a famílias. Aí eu fui compreendendo. Aí eu falei, eu vou aguardar fazer sexo. Aí eu determinei. Eu vou fazer sexo quando eu completar 27 anos de idade. Mas não sei por quê, que eu determinei. Aí eu vou fazer sexo, mesmo que eu não case, eu vou fazer sexo. Porque eu não conseguia encontrar

namoro. Linda, formosa, eu conseguia todos os dias que saísse, encontrar homens que queriam fazer sexo. É diferente. Então, o que acontece? Para mim não me interessava aquele tipo de comportamento. É sedutor? É. É ótimo você ver um homem lhe desejando, é maravilhoso. Mas na minha condição, como eu pensava o que que era um relacionamento sexual, era pelo casamento. Então, pelo casamento é que eu iria batalhar. Aí eu sei bordar, eu sei costurar, eu sei tirar o alimento no pilão, eu sei fazer todas as prendas que a moça se prepara. Se lavar roupa na pedra, no rio, e agora tem máquina, agora nós não precisamos mais disso e sei passar roupa no ferro de braço. Então aprendi as prendas todas, mas minha mãe era muito consistente nela. Ela era silenciosa e ela gerava toda uma maneira de trabalhar desde casa que a gente nunca precisava ficar saindo. Era canteiro pra aguar. Os canteiros com toda a parte de hortaliças, ervas medicinais, ela montava e tinha os horários pra aguar e tinha um horário também pra recolher, que era para fazer aquelas bacias bonitas para entregar, para vender no mercado. Então, a gente fazia aquele esmole bonito e levava à tardezinha para que a mulher que vendia na feira levasse as hortaliças dela. A gente não vendia na feira, a gente só levava. Com a minha mãe. Ela nunca deixou a gente trabalhar como doméstica. Porque já na minha época, a idade, as mulheres negras, ela queria que a gente fosse professora. Então, é uma mentalidade muito sublime, né? E aí eu valorizo o ato de ser professora como essa relação espiritual aí que você tá vendo eu falar. Que eu estou procurando me desenvolver melhor. Eu ainda estou nascendo nela o tempo inteiro.

[00:35:14.560] - Orador 2

Zita, como está a ingestão de água? Você se hidrata constantemente?

[00:35:29.010] - Orador 1

Eu amo tomar água. Você colocou a mesa completa pra mim, com frutas e água. Não estou dizendo que sou correta tomando água, mais eu tenho esse sentimento bom de estar o tempo inteiro tomando uma água. Eu gosto de tomar água. Eu gosto dela.

[00:35:54.290] - Orador 2

A que você tem medo?

[00:35:59.720] - Orador 1

Medo? Olha eu não gosto de traição. É uma das coisas que eu procuro me livrar desse tipo de palavra porque a ação de uma traição ela é tão obscura que a gente não materializa, né? Então,

eu não gosto de traição. O ser humano, ele tem esse tipo de comportamento também. Eu gosto de ir ali com o outro. A maior clareza clareza que eu puder fazer, eu faço. Porque é a partir do meu comportamento que eu preciso gerar esses encontros com pessoas também que procuram não gostar desse tipo de comportamento. Pra mim é obscuro. É uma área de conhecimento que eu não trabalhei muito que é a psicanálise, a psicologia, né? Então, deixa pra eles acudir a gente. Porque os nossos já me acordem aqui o tempo inteiro, né?

[00:37:27.690] - Orador 2

E a Filosofia?

[00:37:30.020] - Orador 1

A Filosofia, o encontro com ela foi na área de Educação, quando eu fiz o mestrado em Educação. Eu trabalhei Epistemologia da Educação com o professor Gaudêncio Frigotto, que era uma sumidade na época lá na Universidade Federal Fluminense. Esse contato com a Filosofia foi muito importante pra mim e que definiu a linha de pesquisa do meu mestrado, que foi dentro do materialismo histórico e dialético. Mesmo me afastando muito da minha relação com a minha negritude, com a minha etnia, eu procurei fazer essa abordagem num trabalho que lá era muito forte. E eu gostei muito desse estudo sobre a questão da divisão de classes sociais. Até então eu não tinha uma sistematização e ele me promoveu fazer um núcleo de pensamento para chegar nessa questão de divisão de classes sociais. E eu percebi isso na pesquisa de campo com a Regina Leite Garcini, doutora, livre de docência. Ela trabalhava o cotidiano na escola. A linha dela (pesquisa) era da Agnes Heller. Então ela trabalhava profundamente essa relação, dessa visão do materialismo histórico, mas aplicado no mundo real. A gente ia pro campo. E eu trabalhei dois anos e meio na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro com a minha proposta de pesquisa. Dança Negro e Xinga a História foi depois. A minha pesquisa estava ligada ao tema Dança do senso comum à linguagem corporal expressiva. Entendeu? Então foi toda uma reflexão também na linha de Antônio Gramsci italiano, gostava muito. Ou seja, aí eu estava, fui num mundo muito amplo e eu vi que era muito de elite, muito forte, era muito forte, mas era uma época onde a elite estava com o olhar debruçado para o trabalhador. E eu fui compreendendo que tinha grupos sociais de elite e que discutia o trabalhador, discutia todas essas questões ligadas às etnias. Ou seja, tinha um cuidado de não levar uma discussão acadêmica estanque ao mundo real. Eu fui trabalhar na Baixada Fluminense, seja com greve ou sem greve, eu estava lá trabalhando. Você sabe que quando eu vi você eu lembrei de mim, a busca, aquele lugar de pesquisar, ali é uma linha da

pesquisa de campo. Que você foi fazer uma pesquisa exploratória. Eu lembrei da época que eu ia buscar um lugar para mim definir onde era que eu ia trabalhar esse olhar, pela práxis, essa reunião das teorias com a prática. Aí trabalhei. E lá eu encontrei as atividades das crianças no mundo delas. Então a capoeira estava lá. A capoeira estava lá dentro, no mundo, no corpo delas. Não é que tinha aula de capoeira. Mas quando eu levava movimento, pronto, as crianças amavam. Eu tenho foto, tem tudo. Elas amavam. Aqui está no livro, tem uma foto o tempo todo. Eu trabalhava na sala de aula com a professora que me aceitou para desenvolver minha pesquisa, porque não foi fácil. Eu passei uns dois meses indo só para ser recebida, só para a porta se abrir. E vai, e vai, e encontra. Aí eu me coloquei a sua disposição, porque eu já tenho o meu histórico de encontrar pessoas que abrem as portas para o outro né. Então, eu espero que você tenha sucesso no seu trabalho, que a sua dedicação e, acima de tudo, eu sinto que você tem sentimentos bons em torno de um trabalho que é ter uma racionalidade, todo promovido pelas ciências, mas você tem essa preocupação com o humano. Isso é muito importante.

[00:42:58.220] - Orador 2

Zita, e a consciência ambiental?

[00:43:00.900] - Orador 1

A consciência ambiental, ela é a vida do ser humano. A consciência ambiental hoje, ela é uma nomenclatura de discussão teórica. Mas eu sou uma pessoa que nasci na beira de um rio. A consciência ambiental, o amor pelo meio ambiente, o zelo pelo meio ambiente, é natural. É natural, dependendo, por exemplo, da época que nós vivemos, não sei hoje, né? Então a gente rezava na beira do rio, mais ou menos 4 e meia 5 horas da manhã, todos os dias, de domingo a domingo, e a felicidade de ir para rezar. Melhor coisa do mundo, porque depois daquela reza, minha mãe, a gente tomava banho no rio. Ai, mas eu gostava. Então, você veja, a gente não podia fazer nenhuma necessidade dentro do rio, nada. Então isso é a consciência ambiental. Além de usufruir daquele bem natural, você zela dele, você tem amor por ele. E hoje você vê as pessoas vão para os lagos, as coisas mais lindas, cachoeiras, e jogam todas as "lixaiadas" lá. A gente não fazia isso. Essa educação atual é preciso mudar, desde as partes pequenas sem importância, que é jogar lixo nos lugares que vão se recriar. Saber que ali é santuário, ali é sagrado. Tem pessoas que tratam como sagrado.

[00:45:14.710] - Orador 1

Zita me fal aum pouco do significado do movimento social. Como que é importante? Como que se traz para o acadêmico? Como que a gente consiga apresentar ele para alguém?

[00:45:29.930] - Orador 1

Porque essa questão que você traz é ligada também à consciência ambiental. A vida do ser humano tem essa ligação social, política, econômica. Isso já é um tratado científico do Milton Santos, um cientista que tratava a geografia com aprofundamento nessa linha. Ele disse que para se garantir a cidadania de um povo, falando aqui do Brasil, é preciso ter esse respeito com o povo na consciência social, econômica e política. Com esse tripé encaminha um ser humano para uma vida melhor. Para um ser ecológico, de transformação. Então, o Milton Santos, eu estou falando sobre ele, é porque na Dufe, no sindicato dos professores da Federal. Fizeram homenagem ao Milton Santos, e eu coreografei trechos do livro dele. Nós fizemos um espetáculo que foi o nome do meu livro "Dança Negro, Ginga e História", com grandes nomes sagrados na dança. Cristiane Santos, são mulheres negras, Cristiane Santos. Luciana Caetano, Renata Caetano e Zita Ferreira. Gente, mas aí nós trabalhamos sob minha direção esse espetáculo e com também a participação do Paulo Caetano, que é irmão dessa família, que é maravilhoso, do Luciano Caetano. Ela dança, que é uma das coisas mais belas do mundo, e a Cristiane Santos.

[00:47:54.890] - Orador 1

E a Renata é do teatro. Então nós colocamos essa linguagem a parte musical, então foi escolhida tanto seleção eletrônica quanto dessa parte mesmo mais profundamente ligada a instrumentos sagrados como a tabaque e o berimbau que o mestre goiano e o mestre Guaraná da capoeira angola que foram responsáveis. Então, foi maravilhoso, é por isso que eu estou falando nele, viu? Porque eu estou com propriedade pelos estudos que nós fizemos para fazer a programação. Eu fui na Federal, então foi um espetáculo grande, fui na faculdade de medicina aqui, no hospital das clínicas, fui lá no auditório, na Faculdade de Medicina aqui no Hospital das Clínicas. Fui lá no auditório da Faculdade de Medicina. Muito bonita.

[00:48:58.060] - Orador 2

Como a ESEFFEGO chega a este momento? Como a gente entrou aqui, observou o complexo ESEFFEGO e como a ESEFFEGO chega a esta situação hoje em dia? Qual é a reflexão sua?

[00:49:26.780] - Orador 1

[comment: A instituição geradora de dignidade em contradição com o descuido.] Essa questão aí ela é profundamente dentro desse tripé que o Milton Santos nos coloca. Para se adquirir uma cidadania no Brasil, é preciso a gente ter o domínio cidadão. Cidadão econômico, cidadão social, cidadão político e que advém, conseqüentemente, pelos estudos, pelo conhecimento. Então, se se preparam à sociedade respeitando os direitos iguais nesse tripé, automaticamente a ESEFFEGO estava aí com todo o seu patrimônio estrutural, muito bem cuidado, muito bem defendido pela, população, pela construção do que a ESEFFEGO implantou com seu quadro administrativo, quadro de professores, cada professor ilustre que saiu daqui de dentro, que está no mundo inteiro. Então, teria que ser olhado com esse respeito à formação da humanidade em defesa de um planeta que aqui dentro já teve essa visão muito profunda de educação aqui na ESEFFEGO. E ao mesmo tempo uma visão também extremamente competitiva, esportes radicais, espetaculares. E no momento dessa fala minha, ela é da década de 70 até 75 então é esse tratado que eu estou trazendo pra você essa experiência vivida aqui como aluna e muito agradecida por tudo que eu recebi aqui da ESEFFEGO como ser humano, como dignidade humana aqui dentro. Chega a minha emociono. É mais ou menos assim. Então é preciso que a educação do Brasil geralmente gere transformações e gere transformações com uma relação de coletividade e não de individualidades. De pódio, de um lugar determinado na sociedade, o mandante e o mandado. Então, isso aí, dilacera qualquer projeto de educação integral, educação ecológica, educação que promove o humano acima de todas as coisas, respeitosamente. A ecologia, o patrimônio material e o patrimônio imaterial de um povo, que é a nossa sociedade aqui em Goiânia, tem essas duas linhas de pensar a educação muito condensadas aqui dentro. Todos os movimentos culturais afunilam também pelos patrimônios imateriais da cultura goiana. Então, eu vi toda essa época sendo trabalhada aqui. E participei de várias situações que promoviam. A companhia de dança era uma delas, liderada pela professora Leni. Era fácil ou não? Mas era consistente. Mais ou menos, minha experiência é essa, de gratidão e afeto. Espero que os dirigentes atuais possam olhar esse patrimônio e ser tombado como patrimônio do planeta. A ESEFFEGO, ela formou, deve estar formando pessoas da mais alta excelência como ser humano, como artista, como os esportistas, como professores, administrativos, tinha tudo aqui dentro essa qualidade. Entendeu? Professora Maria Helena Pinheiro, ela tratava ESEFFEGO como um filho. Aí todos nós também fomos muito bem tratados aqui dentro. Tio Pedro, tia Maria, ah, mas era muito bom. Dona Dilca secretária geral.

A pergunta final é aquela que eu te fiz no começo. Qual seria as três coisas que colocaria na humanidade.

[00:55:05.380] - Orador 1

Primeiro, não dispersar de ser humano. Quando eu sou um ser humano e vou buscar essa estrada, esse caminho, abre possibilidades para a coletividade, para a multidão. Também é respeitar o conhecimento, os estudos, as obras, as bibliografias que estão hoje em dia as livrarias estão sendo desprezadas, as bibliotecas. Mas é maravilhoso o livro. Eu sou fruto desse olhar pleno e desses lugares públicos que eu poderia estudar, como muitos brasileiros precisam de lugares confortáveis para estudar. Independente de de classe social, é um ser em formação. Então que a juventude possa celebrar a vida também nas bibliotecas e respeitar aqueles autores que estão em memória lá dentro, mas fortalecendo o caminho do conhecimento. Até chegar hoje, a ciências tão profundas, que hoje nós temos computador, robô, essas inteligências, já projetando como se fosse uma naturalidade já no nosso dia a dia. Então, mas que a gente entenda que tem o artesão até hoje, tem aquele que cria possibilidades onde não tem, que sejam respeitadas. Que a cultura de um povo que seja fonte de conhecer a vida numa dimensão maior. As culturas, elas são fruto do caminhar do homem, da mulher, em direção à humanidade. Então, basta a gente reparar nessa história de que o homem e a mulher se descobriram como seres pensantes e a inteligência já se manifestava nas imagens rupestres deixadas para nós até hoje que servem como fonte de descobertas científicas, até hoje pra nós São Raimundo Nonato no Piauí, no meu estado ainda tem lugares que ainda não foram nem descobertos de tanta importância dessa escrita sintética que os antepassados deixaram para nós. Então, a juventude, por favor, abrace esses conhecimentos, esses ensinamentos que vão buscar. Só buscar, é tudo nosso. Trabalhar mais, não estou dizendo para não se divertir. Pode se divertir, namorar, fazer sexo, beber com moderação, fazer o seu social com mais moderação para dedicar um pouco mais a todo esse patrimônio, esse legado que os antepassados desceram para nós e os que estão indo também estão deixando para nós. Os médicos, por exemplo, na época da Covid. Eu moro perto do sindicato dos médicos. Aí tem aquela placa enorme homenageando os médicos que se foram pelo trabalho na época da Covid. Passo lá sempre e faço minha reverência a eles e todas as vezes agradeço. Então que o jovem desperte um olhar mais amplo para a vida. Que nós temos esse poder de olhar uma visão mais macro, infinitamente grande. Porque nós temos o poder de reconhecer o céu, a terra, a lua, as estrelas, quer dizer, a gente também aprecie dá fundamentação para o ser

humano, se possibilitar a ter mais sentimentos e emoções por si próprio, não por algo externo colocado no corpo. Então, viva, mas promovo a vida também, a existência humana.

[01:00:32.660] - Orador 2

Vou encerrar aqui.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS METROPOLITANO/UNIDADE UNIVERSITÁRIA ESEFFEGO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “Ser Mulher, Negra, Nordestina e Professora de Educação Física: um processo crítico/criativo”. Meu nome é Luis Enrique Perez sou graduando, pesquisador(a) responsável por esta pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubrique todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(à) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(a) pesquisador(a) responsável, via e-mail lep00@hotmail.com, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)99300-8367. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Dr. Gabriel Carvalho Bungenstab, e-mail gabrielcarv@msn.com, tel. (62) 997021195.

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 10 minutos/horas e a sua participação na pesquisa 4 horas.

Justificativa, objetivos e procedimentos:

A Sra. Maria Zita Ferreira está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa intitulada “SER MULHER, NEGRA, NORDESTINA E PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: um processo crítico/criativo”. Meu nome é LUIS ENRIQUE PEREZ, sou, pesquisador responsável por esta pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se a Sra. aceitar fazer parte do estudo, responda as perguntas, que está configurada a continuação. Esclareço que em caso de recusa na participação a Sra. não será penalizada de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail lep@aluno.ueg.br telefone (62) 993008367 e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte contato telefônico: (62)993008763 Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, a Sra. também poderá fazer contato com o orientador da pesquisa Dr.: Gabriel Carvalho Bungenstab, email gabrielcarv@msn.com, tel. (62) 997021195.

Justificativa, objetivos e procedimentos:

O motivo que nos leva a propor esta pesquisa é o Trabalho de Conclusão de Curso em formato monografia. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a produção teórica do campo história oral. Em qualquer etapa do estudo a Sra. poderá entrar em contato comigo, pesquisador responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Declaração do Pesquisador Responsável

Eu, Luis Enrique Perez, pesquisador responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Fica estabelecido que a devolução deste e-mail garante a utilização dos dados colhidos.

Assistência:

Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa.

Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste

Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS METROPOLITANO/UNIDADE UNIVERSITÁRIA ESEFFEGO

estudo, sem prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas.

Indenização:

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo este será ressarcido por mim, pesquisador responsável.

Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisador(a) responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas. Uma copia impressa do trabalho será ofertada pra a participante.

Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos a participante terá acesso ao material impresso da pesquisa.

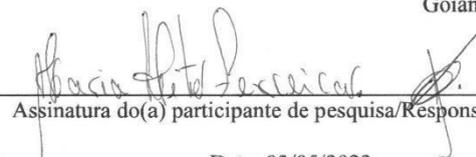
Declaração do(a) Pesquisador(a) Responsável

Eu, pesquisador(a) responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.

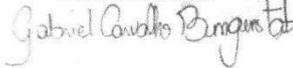
Declaração do(a) Participante

Eu, Maria Zita Ferreira, abaixo assinado, discuti com o pesquisador(a) Luis Enrique Perez sobre a minha decisão em participar como voluntário(a) do estudo SER MULHER, NEGRA, NORDESTINA E PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: um processo crítico/criativo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Goiânia/Goiás, 03 de maio de 2023.


Assinatura do(a) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: 03/05/2023



Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: 03/05/2023

Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439

